

Plantas Úteis e Medicinais

na obra de Frei Vellozo



Maria das Graças Lins Brandão

*Plantas Úteis
e Medicinais
na obra de Frei Vellozo*

Maria das Graças Lins Brandão

*Plantas Úteis
e Medicinais*
na obra de Frei Vellozo

2ª edição ampliada e atualizada



EDITORA

Belo Horizonte
2019

Plantas Úteis e Medicinais na obra de Frei Vellozo
Copyright 2019 por Maria das Graças Lins Brandão

Projeto Gráfico

3i Editora Ltda.

Revisão Botânica

Profa. Juliana de Paula-Souza

Revisão de Textos

Teresinha L. B. Chaves e Cristina Cupertino

Tradução do Latim

Padre Lauro Palú

Fotos

Maria das Graças Lins Brandão e Greick Seixas

Impressão

Gráfica e Editora O Lutador

Cadastro da Pesquisa no SISGEN: A5393B de 01/01/2018.

FICHA CATALOGRÁFICA

Brandão, Maria das Graças Lins

B817p Plantas úteis e medicinais na obra de Frei Vellozo / Maria das Graças
Lins Brandão. – 2. ed. – Belo Horizonte: 3i Editora, 2019.

150 p. il

ISBN: 978-85-9548-099-5

1. Plantas - Brasil. 2. Plantas úteis - Brasil. I. Vellozo, Mariano da Conceição,
frei. II. Título

CDU 581.9(81)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria

CRB-6 nº 1006

APRESENTAÇÃO

Um dos resultados do projeto da pesquisadora Maria das Graças Lins Brandão, este catálogo, iniciado em 2017 no âmbito do Programa do Professor Residente do Campus Cultural UFMG em Tiradentes, apresenta um grande número de plantas úteis e medicinais catalogadas no século 18 pelo naturalista autodidata frei José Mariano da Conceição Vellozo (1742-1811) e encontradas na região Tiradentes.

Nascido na antiga Vila de São José, frei Vellozo foi um dos mais importantes botânicos de sua época e grande divulgador da ciência. Ele e sua equipe fizeram extenso levantamento da flora da Capitania do Rio de Janeiro e de partes de São Paulo, publicado na obra *Flora Fluminenses*, em que descrevem 1.693 espécies de plantas.

A UFMG, por meio de seu Campus Cultural em Tiradentes acolhe e promove esta pesquisa, que representa contribuição de grande relevância para a história da Ciência no Brasil e homenageia um de seus pioneiros, nascido em Tiradentes, no ano em que a cidade comemora seus 300 anos.

Desta forma, o Campus Cultural UFMG em Tiradentes, busca cumprir com o seu objetivo de desenvolver atividades na esfera de todas as manifestações da arte e da cultura, por meio de projetos de ensino, pesquisa, extensão e de cooperação entre a Universidade e instituições públicas e privadas de Tiradentes e de outras cidades da região.

É, portanto, com grande satisfação que apresentamos este relevante produto, construído a partir da pesquisa original e inovadora da Profa. Maria das Graças Lins Brandão

Profa. Sandra Regina Goulart Almeida
Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais

APRESENTAÇÃO

Alecrim, aperta ruão, araçá, avenca, urucum, babosa, caapeba, canela de ema, canjerana, caminha da índia, caroba, carqueja, carrapicho, caruru, congonha, óleo de copaíba, quaresmeira, erva de São João, japecanga, quebra pedra, taioba, ipê, jabuticaba, jacarandá, juá, pata de vaca, macela, maracujá, melão de São Caetano, oficial de sala, ora pro nobis, paineira, pindaíba, pinheiro, guiné, quiabo, samambaia da serra, sayão, sassafrás, serralha, trapoeiraba, vassorinha, mamona, entre outras são plantas medicinais apresentadas por Maria das Graças Lins Brandão, que nós mineiros e tiradentinos conhecemos muito bem de nossos matos e quintais, sem contudo saber que elas foram descritas e classificadas na obra “*Florae Fluminensis*” do nosso conterrâneo José Vellozo Xavier, o Frei José Mariano da Conceição Vellozo, em 1790. Vellozo (1741-1811) adotou o nome Mariano da Conceição em homenagem a virgem Maria de quem era devoto e introduziu no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, o culto ao Coração de Maria. Primo de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Frei Vellozo teve uma vida movimentada, tendo estudado em Macacu (Itaboraí-RJ) passado pela igreja de São Miguel, em São Paulo e pelo convento Franciscano do Largo da Carioca, protegido na época pelo vice-rei, quando recolheu as 1639 plantas, que descreveu e enviou a Portugal, que vem compor a obra de sua vida: “*Flora Fluminensis*”. Além de botânico foi editor da Casa Literária do Arco do Cego e da Tipografia Régia, em Lisboa, onde publicou obras úteis a agropecuária do Brasil, fazendo assim a sua revolução silenciosa através dos livros. No fim da vida voltou ao Brasil, onde morreu, em 1811, no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, não antes de experimentar a produção de um papel a base de embira, casca de um arbusto comum na nossa região.

A publicação contribui para a proteção e valorização de um patrimônio imaterial representado pelas plantas úteis e medicinais citadas na obra de Frei Vellozo. Além de muito útil, é uma bela homenagem a esse nosso cientista que pode ser considerado o pai da botânica no Brasil.

Olinto Rodrigues dos Santos Filho
Pesquisador do IPHAN/MG

A segunda edição do catálogo *Plantas úteis e medicinais na obra de Frei Vellozo* é mais um produto desenvolvido pelo Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas, da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceplamt/ UFMG). O trabalho compõe as atividades desenvolvidas pela autora enquanto Professora residente do *campus* cultural da UFMG, em Tiradentes.

Nesta segunda edição, são apresentados dados e imagens de 130 espécies de plantas úteis e medicinais, descritas por Frei Vellozo em sua obra *Florae Fluminensis*, concluída em 1790. As informações descritas por Vellozo são primárias, ou seja, foram recolhidas em uma época em que a vegetação nativa era preservada e as plantas usadas extensivamente pela população. Informações sobre resultados atuais de pesquisas científicas obtidos no website *pubmed* foram também acrescentados, tanto para as 50 novas espécies, quanto para as demais já presentes na edição anterior. Os nomes vulgares das plantas, grafados em português, também foram atualizados, como por exemplo, a “Souta cavalos” que passou a ser denominada “Açoita-cavalos”. Os nomes ameríndios das plantas, por outro lado, foram mantidos da forma original, respeitando assim a grafia inserida pelo autor, que os distinguiu cuidadosamente dos nomes vulgares em português (“lusitano” ou “brasileiro”).

Em uma primeira parte do catálogo são apresentadas informações gerais sobre a importância da biodiversidade brasileira, e os métodos usados pelos cientistas para transformar as plantas em produtos de valor agregado. Um capítulo seguinte discorre sobre Frei Vellozo e a sua obra *Florae Fluminensis*, objeto do presente estudo. Dados e imagens, antigos e atuais, das plantas são então apresentados, acompanhados dos seus nomes vulgares, científicos, famílias botânicas e a origem de cada espécie (nativa ou exótica).

Espera-se que este trabalho contribua para que se mantenha vivo o conhecimento tradicional sobre as nossas plantas, estimule a sua conservação e auxilie no despertar do interesse pela ciência entre as novas gerações de brasileiros.

AGRADECIMENTOS

Este catálogo é um dos produtos oriundos das minhas atividades como professora residente do campus cultural da UFMG em Tiradentes. A primeira edição foi publicada em 2018, em comemoração aos 300 anos do município de Tiradentes. Agradeço à Diretoria de Ação Cultural da UFMG (DAC-UFMG) pela oportunidade e apoio ao desenvolvimento dos trabalhos em Tiradentes, especialmente aos coordenadores do campus cultural, professores Anna Karina Bartolomeu, Fernando Mencarelli e Verona Segantini. Agradeço também aos demais colegas do campus de Tiradentes Elizur, Juliana, Edilson, Magda, Jardel, Lorena, Alberto, Jessica, Lorene, Taquinho e Rita. Sou muito grata ao Rogério Almeida (Museu da Liturgia) e Olinto Santos Filho (IPHAN) pelo precioso apoio a todos os trabalhos. Sou grata também aos amigos Fabíola e Guilherme (Instituto Estadual de Florestas, IEF), Marco Túlio, João Bosco, Rogerinho (Flona ICMBio/ Ritápolis), Mônica Cardoso (Festival Artes e Tradições), profas. Aparecida Célia e Zandra Miranda (UFSJ). Têm também meus agradecimentos o biólogo Vinícius Faria, a profa. Nanci (Secretária de Educação de Tiradentes), a profa. Adriana (SRE de São João del Rei), o prof. Carlos Alberto Filgueiras (UFMG) e o prof. Rômulo (EE Basílio da Gama), pelo auxílio em diferentes fases do trabalho. Agradeço igualmente aos amigos de Tiradentes: Carlos da AMAT, Luiz Cruz, Bruno, Paulinho, sr. João e Raquel, pela convivência fraterna durante minha estadia na cidade. Agradecimentos especiais vão para Greyckson Seixas, pelo inestimável auxílio na localização de várias plantas, para o padre Lauro Palú (Santuário do Caraça), pela importante tradução dos textos em latim, e para a profa. Juliana de Paula-Souza (UFSJ/ Sete Lagoas), pela importante e necessária revisão e atualização da nomenclatura botânica. Agradeço também ao CNPq (Bolsa DT) e à FAPEMIG (Projeto PPM) pelo constante apoio aos nossos projetos.

Profa. Maria das Graças Lins Brandão
Coordenadora do CEPLAMT-UFMG

323 (bis). Elephantopus.

1. E. cervinus. E. foliis lanceolatis. (Tab. 148.^a T. 8.)

Si stentorea voce pollerem, ejus vim medicam extollerem. Dicere satis sit, rusticanis in omnem febrem remedium esse universale. Simplici decocto utuntur. Amara est. A Divina Providentia hoc statutum fuit, nullibi Americanarum gentium, ea carere, nec tempus, nec solum aliquod renuere: ergo ab aliis plantis secundum ordinem aequae a natura, et ab arte fuit Segregata.

“*Se eu tivesse uma voz de trovão eu exaltaria a virtude desta planta. As pessoas do interior usam o remédio em qualquer febre, o simples decocto. É amarga. Pela divina providência a nenhum povo da América faltará esta planta e por isto ela, entre outras, deve ser enaltecida pela sua natureza e arte.*”

Frei Vellozo
Florae Fluminensis
Texto para o Suassu-Caá

ÍNDICE

BIODIVERSIDADE E AS PLANTAS ÚTEIS E MEDICINAIS DO BRASIL	13	AVENCA	35
TRANSFORMAÇÃO DAS PLANTAS EM PRODUTOS	15	AZEDAS	36
FREI VELLOZO E A OBRA FLORAE FLUMINENSIS	19	BABOSA	37
ESPÉCIES CITADAS POR FREI VELLOZO E SEUS NOMES POPULARES		CAAPEBA, GUAXIMA, PERIPAR OBA	38
AÇOITA-CAVALOS	23	CAA-VU	39
AÇUCENA-DO-BREJO.....	24	CAIAPÍA, CONTRAERVA, FIGUEIRA- TERRESTRE	40
ALBARÁ , MBEERY	25	CAIRI-SÚ.....	41
ALECRIM.....	26	CAMBARÁ	42
ALMECEGA, ICICA.....	27	CANA-DO-BREJO , PACÓ-CAATINGA.....	43
AMBUYAEMBO , ANHANGA PUTURÛ.....	28	CANELA-DE-EMA.....	44
AMINIU.....	29	CANJERANA.....	45
ANGICO, CAUVI, COLUBRINA	30	CAROBA	46
ANINGA-PERI, IMBÉ-RANA, GUIMBÉ-DA- PRAIA	31	CARQUEJA	47
APERTA-RUÃO	32	CARRAPICHOS	48
ARAÇÁ	33	CARURÚ-MIÚDO	49
ARTEMIGEM-DA-PRAIA	34	CHÁ-DO-PARAGUAI , CONGONHA	50
		CIPÓ-CARIJÓ	51
		CIPÓ-DA-GOTA	52
		CIPÓ-ICICA	53
		CIPÓ-SUMA	54

COPAIBA , COPAIVA, COPAIVEIRA.....	55	ORELHA-DE-ONÇA	79
CUIPEÚNA.....	56	PAINEIRA	80
ERVA-DE-SÃO-JOÃO , MENTRASTO.....	57	PIMENTÃO, PIMENTA-DE-CHEIRO, QUECIMERIM	81
ERVA- POMBINHA.....	58	PINDAÍBA	82
GOIABA	59	PINHAS	83
GUABIROBA	60	PIPI	84
GUANDU	61	PITANGA	85
IMBIRUCÚ	62	QUIABO, QUIGONGÔ	86
INGÁ	63	SAIÃO	87
IPÊ-DO- CAMPO, IPEÚVA	64	SALSAPARRILHA	88
JABOTICABA	65	SAMAMBAIA.....	89
JACARANDÁ	66	SASSAFRÁS	90
IAPECANGA	67	SERRALHA	91
JOÁ-ARREBENTA-CAVALO	68	SUASSU -CAÁ	92
JUBEBA, JUREPEBA, JURIBEBA.....	69	TAIOBA	93
LINGUA-DE-TUCANO	70	TONHÔAEMRAMBEORA, VERBASCO	94
LINGUA-DE-VACA, TAPYRA-PECÊ	71	TRAPOEIRABA	95
MACELA.....	72	TUINAMTIIBA.....	96
MARACUJÁS	73	TUPIXAVA , VASSOURINHA	97
MELÃO-DE-SÃO-CAETANO	74	UNHA-DE-VACA, UNHA D'ANTA	98
NHAMBÛ, NHAMBURANA.....	75	URUCU	99
NHANDÍ.....	76	UVAPACARI	100
OFICIAL-DE- SALA.....	77	VASSOURA	101
ORA-PRO-NOBIS.....	78		

**OUTRAS ESPÉCIES CITADAS POR FREI
VELLOZO (ORDENADAS POR FAMÍLIAS
BOTÂNICAS)**

<i>Dysphania ambrosioides</i>	103
<i>Anacardium nanum</i>	104
<i>Anacardium occidentale</i>	104
<i>Schinus terebinthifolia</i>	105
<i>Araucaria angustifolia</i>	106
<i>Agave americana</i>	107
<i>Bidens pilosa</i>	108
<i>Eremanthus erytropappus</i>	109
<i>Senecio brasiliensis</i>	110
<i>Tagetes erecta</i>	111
<i>Vernonanthura polyanthes</i>	111
<i>Anemopaegma arvense</i>	112
<i>Pyrostegia venusta</i>	112
<i>Zeyheria montana</i>	113
<i>Varronia curassavica</i>	114
<i>Tripogandra diurética</i>	115
<i>Ipomoea</i> spp.	116
<i>Cucumis anguria</i>	117
<i>Cucurbita pepo</i>	117
<i>Dioscorea trifida</i>	118
<i>Dioscorea</i> spp.	119
<i>Joannesia princeps</i>	120
<i>Manihot esculenta</i>	121
<i>Ricinus communis</i>	122
<i>Arachis hypogaea</i>	123
<i>Caesalpinia pulcherrima</i>	124

<i>Periandra mediterranea</i>	125
<i>Senna occidentalis</i>	126
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	127
<i>Hyptis radicans</i>	128
<i>Lecythis pisonis</i>	129
<i>Strychnos brasiliensis</i>	130
<i>Byrsonoma crassifolia</i>	131
<i>Cedrela fissilis</i>	132
<i>Abuta rufescens</i>	133
<i>Mirabilis jalapa</i>	134
<i>Oxalis</i> spp.	135
<i>Coix lacryma-jobi</i>	136
<i>Oryza sativa</i>	137
<i>Zea mays</i>	137
<i>Coffea arabica</i>	138
<i>Genipa americana</i>	139
<i>Sapindus saponária</i>	140
<i>Nicotiana tabacum</i>	141
<i>Solanum cernuum</i>	142
<i>Cecropia pachystachya</i>	143
<i>Lippia brasiliensis</i>	144
<i>Stachytarpheta jamaicensis</i>	145
<i>Curcuma longa</i>	146
<i>Zingiber officinale</i>	146
Glossário de termos técnicos	147
ÍNDICE REMISSIVO	148
Referências	150

I. BIODIVERSIDADE E AS PLANTAS ÚTEIS E MEDICINAIS DO BRASIL

O Brasil abriga em seu território a flora mais rica e diversificada do mundo. As plantas encontram-se distribuídas entre seis biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas, alguns dos quais reconhecidos como *hotspots* da biodiversidade, devido à abundância de espécies diferentes. Esse fato revela o grande potencial do país no desenvolvimento de medicamentos e outros produtos inovadores. Além da vasta biodiversidade, o país conta também com uma rica sociodiversidade, construída pela miscigenação entre culturas ao longo dos últimos cinco séculos. Achados arqueológicos vêm cada vez mais demonstrando, no entanto, que os povos Ameríndios habitam o território Brasileiro há mais de 15 mil anos. Eles são os guardiões do conhecimento sobre as propriedades das plantas nativas.



A despeito da riqueza reconhecida, a flora nativa brasileira tem passado por intenso processo de degradação, causada por sucessivos ciclos econômicos, iniciado pela exploração do pau-brasil pelos portugueses, ainda no século XVI. Atualmente, apenas 7% da Floresta Atlântica encontram-se preservados, enquanto outros biomas como a Amazônia, os cerrados e a caatinga vêm sendo rapidamente substituídos por monoculturas de eucalipto, cana de açúcar, soja, mineração e criação de gado. As consequências de tamanha destruição de plantas úteis e medicinais são dramáticas. Um estudo realizado pela equipe do Ceplamt em 2004/2005 (apoio da FAPEMIG), junto à população da região mineradora em Minas Gerais (Estrada Real), mostrou que mesmo entre aqueles habitantes mais idosos das áreas rurais, o conhecimento sobre as aplicações medicinais de plantas nativas encontrava-se comprometido. Os entrevistados relataram que aprenderam sobre os benefícios das plantas com familiares, mas isto não era mais possível porque muitas espécies não eram mais encontradas na região. De fato, atualmente, a maior parte das plantas usadas como remédios, especialmente no centro-sul do Brasil, consiste de espécies exóticas, ou seja, nativas de outros continentes e vem sendo introduzidas aqui desde a chegada do europeu. A camomila, as hortelãs, babosa, funcho e manjeriço são exemplos de espécies exóticas, entre centenas de outras. Além da perda da biodiversidade, a instalação da indústria farmacêutica no Brasil

em meados do século XX também deu início à maciça introdução dos medicamentos sintéticos, em substituição aos remédios preparados com as plantas.

Há mais de uma década, o Ceplamt vem trabalhando na recuperação e divulgação de informações sobre as plantas brasileiras com histórico de uso tradicional. Milhares de informações foram recuperadas a partir de documentos e bibliografia publicados nos séculos passados. Importantes registros foram feitos pelos portugueses, especialmente os Jesuítas, no início da colonização. Outros europeus também fizeram registros importantes, como os holandeses Piso e Marcgrave, que viveram em Pernambuco durante a ocupação no século XVII. O século XIX foi notadamente marcado pelo trabalho de vários outros europeus naturalistas, que percorrem grandes extensões do país e registraram o uso de plantas. Entre eles estão o médico alemão Karl von Martius e o botânico francês, Auguste de Saint-Hilaire. Junto deste grupo de eminentes cientistas situa-se o brasileiro Frei Mariano da Conceição Vellozo.

Ele foi o responsável pela organização, ainda no século XVIII, da monumental obra *Florae Fluminensis*, na qual são descritas 1639 espécies de plantas. Nesta obra, Frei Vellozo também descreveu os nomes originais e usos tradicionais de mais de duzentas plantas, sendo que 130 delas são apresentadas neste catálogo.



Desmatamento da Floresta Amazônica



Área de Mata Atlântica desmatada em Minas Gerais



Lama da Mineradora Samarco, Bento Rodrigues, Mariana

II. TRANSFORMAÇÃO DAS PLANTAS EM PRODUTOS

Além da importante tarefa de se preservar as plantas brasileiras e seus usos tradicionais, é preciso transformá-las em produtos de valor comercial agregado, capazes de gerar renda e riqueza especialmente para os detentores do conhecimento tradicional sobre elas. Dentro desta linha, desde a década de 1970, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância das plantas para o tratamento de várias doenças, e alerta para a necessidade de que esses remédios passem por processos de validação. Validar uma planta significa verificar se ela, de fato, tem o efeito proclamado e não é tóxica. Após esses estudos, os produtos com plantas medicinais comprovadas passam a se chamar fitoterápicos. Dezenas de plantas medicinais, como a babosa, hortelã, boldo-do-chile, erva-doce e camomila já foram validadas e são recomendadas para uso como fitoterápico pela OMS. No entanto, tanto estas quanto a grande parte das plantas validadas e usadas no Brasil hoje, são espécies exóticas (naturalizadas) ou importadas. Infelizmente, raras são as plantas brasileiras que já tiveram suas eficácias suficientemente atestadas em laboratório e foram transformadas em produtos. É, portanto, importante e necessário, estimular e apoiar os estudos sobre o potencial bioativo das plantas nativas, especialmente aqueles desenvolvidos pelos cientistas brasileiros.

Os métodos usados pelos cientistas para validar uma planta consistem, basicamente, de estudos botânicos, químicos, farmacológicos e toxicológicos:

Estudos botânicos: Iniciam-se a partir da coleta da parte usada da planta e da preparação de exsicata para identificação taxonômica (= definição da família, gênero e espécie). Essa identificação é feita pela observação de características próprias de cada espécie, como disposição das folhas no caule, pétalas e sépalas, entre outras características morfológicas. Atualmente, identificações também vêm sendo feitas pela caracterização do DNA obtido das células vegetais. Espécies novas e ainda não descritas recebem, junto com seus nomes científicos, o nome do botânico responsável pela primeira descrição. Centenas de plantas foram primeiramente descritas por Frei Vellozo, e várias delas podem ser identificadas neste catálogo pela presença da abreviatura do seu nome - "Vell." - junto ao nome científico da planta.

Estudos químicos: A parte da planta usada para a preparação dos remédios é então desidratada a baixa temperatura (para que não haja perdas ou degradação das substâncias bioativas) e trituradas em moinhos, até sua transformação em pó. Sob essa forma, o material passa a ser chamada "droga

vegetal”. As prováveis substâncias bioativas das plantas são então extraídas com solventes (álcool, por exemplo). Existem vários métodos para se extrair as substâncias da droga vegetal: um deles é a percolação, que consiste em passar os solventes pelo material triturado, que vão carrear as substâncias químicas da célula vegetal para o líquido. Esses líquidos são depois evaporados a baixa temperatura, até a obtenção dos extratos secos. Para purificar e identificar as substâncias bioativas de cada planta são usados métodos cromatográficos e espectroscópicos/ espectrométricos, que são capazes de elucidar as estruturas químicas. Várias substâncias ativas, como flavonoides, saponinas, óleos voláteis ou polifenóis, por exemplo, já foram identificadas nas plantas citadas por Frei Vellozo.

Estudos farmacológicos e toxicológicos: São efetuados por meio de testes *in vitro*, nos quais os extratos são colocados em contato direto com os agentes causadores de doenças, como vírus, bactérias ou parasitas; ou *in vivo*, nos quais se usam animais de laboratório (cobaias), seguido pelos humanos, por meio de ensaios clínicos. Os resultados obtidos nos estudos em laboratório são então publicados em revistas científicas (periódicos). Cada publicação passa a ser considerada uma referência bibliográfica. Referências sobre os estudos com as plantas podem ser encontradas em bases de dados da internet entre eles o *Pubmed*. Várias atividades biológicas foram determinadas para as plantas registradas por Frei Vellozo, sendo as mais frequentes como antimicrobianas, antioxidantes e anti-inflamatórias. As referências atualizadas foram incluídas para cada planta neste catálogo.

Devido ao alto custo dos estudos de validação, desde 2002 a OMS vem também estimulando o desenvolvimento de produtos fitoterápicos a partir da tradicionalidade. Segundo aquele órgão, para plantas as quais é possível confirmar um uso consistente por longo período, os ensaios necessários para o desenvolvimento dos produtos podem ter alguma flexibilidade. Segundo a OMS, o uso secular de uma planta, para determinado fim, poderia atestar a sua eficácia e efetividade. Este quadro confirma a importância de se recuperar as informações sobre os usos das plantas brasileiras nos séculos passados, e a relevância das informações registradas por Frei Vellozo.



Estudo botânico: exsicatas para identificação das espécies

Estudo químico:



Desidratação em estufa



Trituração da planta seca em moinho

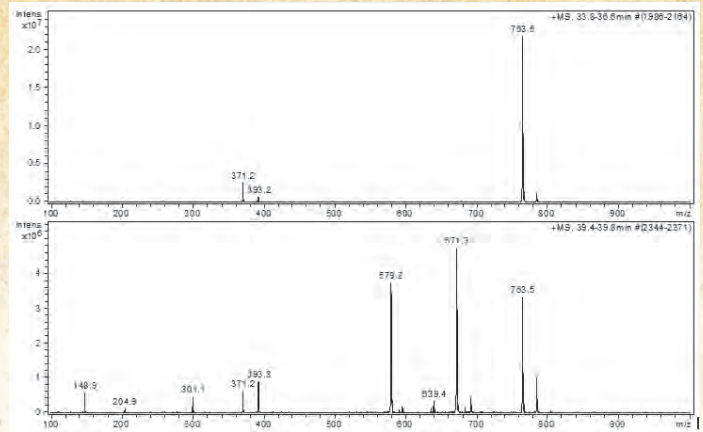


Preparação de extratos
por percolação



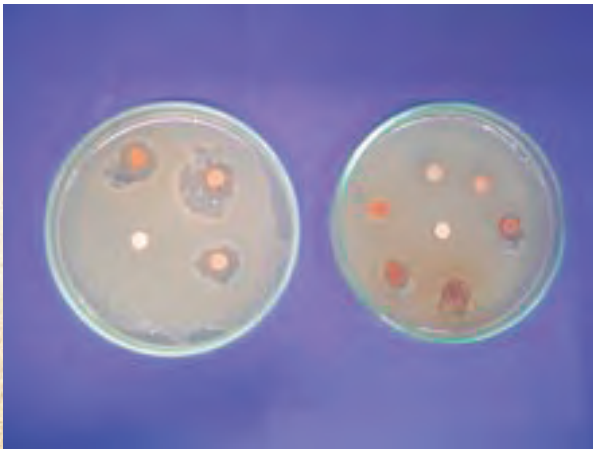
Secagem e obtenção de
extrato seco





Caracterização das substâncias bioativas por cromatografia

Estudos farmacológicos e toxicológicos:



Testes *in vitro* e ensaios clínicos

III. FREI VELLOZO E A OBRA FLORAE FLUMINENSIS

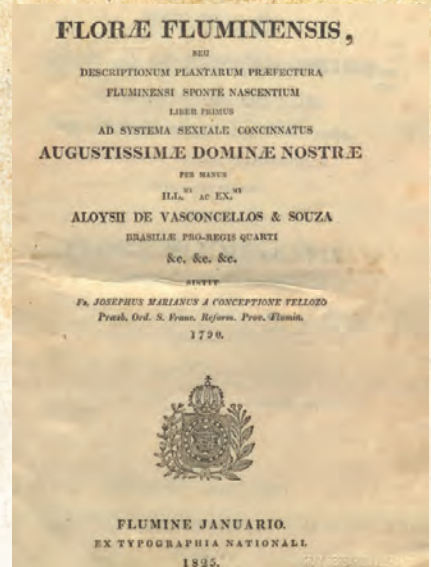
Frei Vellozo, batizado como José Vellozo Xavier, nasceu em 1741 na Vila de São José del Rey, atual Tiradentes, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1811. Contam seus biógrafos que, no período em que viveu na pacata Vila de São José, estudou latim e, como passatempo, vagueava pelos arredores examinando e colhendo plantas, indicando seu interesse para os estudos botânicos. Em 1755 iniciou sua vida religiosa no Rio de Janeiro e em 1771, transferiu-se para São Paulo. Em 1786 assumiu a cátedra de mestre em História Natural, quando então encontrou sua verdadeira vocação de naturalista. Atendendo determinações do Governador da capitania, incrementou seus estudos e coletas nos arredores da Vila de São Paulo. Sua atividade na área despertou a estima dos governantes da época, sendo-lhe então determinado que excursionasse pela capitania do Rio de Janeiro, e que reunisse suas investigações botânicas numa obra de conjunto. Foi assim que nasceu a *Florae Fluminensis*, uma encomenda do vice-rei do Brasil, Luis de Vasconcelos e Souza. Apesar de ter sido concluída em 1790, a obra só foi publicada em 1825, após a morte do autor. Isto aconteceu porque vários reveses em sua carreira, incluindo promessas oficiais não cumpridas, ida a Portugal e retorno ao Brasil, os originais do trabalho ficaram desaparecidos até 1824. A obra foi impressa por ordem do Imperador Pedro I, que vislumbrou na divulgação do trabalho de um naturalista brasileiro uma forma de afirmação da nova nação, que ficara independente de Portugal.



A *Florae Fluminensis* é uma obra grandiosa. Constitui-se de um volume contendo a descrição botânica de 1639 espécies de plantas, nativas e exóticas, e onze volumes com estampas. Na *Florae* são descritas também informações preciosas sobre o aproveitamento das plantas no século XVIII: entre as espécies descritas, quase 300 contam com alguma informação adicional, quer seja sobre sua ocorrência e/ ou aproveitamento. Um aspecto importante é o cuidado que teve o autor em registrar os nomes tradicionais das plantas, destacando sua origem indígena, portuguesa (“lusitana”) ou brasileira. É curioso observar que a confusão na atribuição de nomes populares às plantas já acontecia naquela época: Vellozo já atribui à “taioba”, por exemplo, o nome de

“inhamé”. É possível prever que muitos usos tradicionais de plantas que ocorrem no interior do país, como o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) e o ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) tenham sido assimilados pelo autor enquanto vivia na região de Tiradentes, durante sua juventude. De fato, essa região, ainda nos dias de hoje, é muito rica em biodiversidade: mais da metade das plantas apresentadas no presente catálogo foram encontradas em Tiradentes e nas três áreas de conservação no entorno da cidade: a Serra de São José, a Serra do Lenheiro em São João del Rei e a Flona ICMBio em Ritópolis. Tendo saído de Minas Gerais aos 20 anos para seguir carreira eclesiástica, em sua permanência em São Paulo, Frei Vellozo teria também convivido com os indígenas. Nesta época, exerceu a catequese entre os índios da Aldeia de São Miguel, quando teve a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre as virtudes das plantas nativas. A recuperação dos nomes indígenas das plantas na obra de Frei Vellozo é, portanto, importante porque abre a possibilidade de repartição de benefícios da comercialização de produtos com os povos originários do Brasil.

Se comparada com livros e outros compêndios da época, a obra de Frei Vellozo demonstra semelhante qualidade e precisão científica. A despeito disto, seu trabalho foi muito criticado pelas imperfeições. Mas para quem se impôs uma tarefa desta magnitude, deslizes devem ser aceitos e perdoados.



Capa dos volumes que contém as descrições das plantas e do volume XI com pranchas

TRIGYNIA.

28. Piper.

1. Pip. *umbellatum*. P. foliis cordatis sub-rotundis, acutis, venosis, spici-umbellatis. (Tab. 54.ª T. 1.)

OBSERVATIONES.

Vulgò vel *Caapéba*. vel *Periparóba* dicitur. Marcg. perperam asserit hoc piper a Lusitanis *Guaxima* denominari: Lusitanorum *Guaxima* ad Malvacearum genus pertinet.

Vim. aperitivam habet radix hujus speciei, ideo usu medico tristissima. *Ad ripas ricularum, locaque humida lætanter vegetat; tum mediterraneis, tum maritimis habitat.*

2. Pip. *Jaborandi*. P. foliis lanceolatis; spicis, floribus pedicellatis. (Tab. 55.ª T. 1.)

OBSERVATIONES.

Hoc. piper ob acrimoniam cæteris celebrius hucusque (ni fallor) non fuit descriptum, etsi aliud sufficere, hoc est, piper reticulatum, seu, ut vulgò dicitur Nhandi, cuius folia sunt cordata ac 7-nervia: P. *Jaborandi* verò ut supra

Exemplos de descrição da Caápeba (acima) e do Chá do Paraguai (embaixo)

1. Ch. *amara*. (Tab. 106.ª T. 1.)

Ch. nat. spec.

Caul. arboreus.

Ram. sparsi, patentes.

Fol. petiolata, sparsa, lanceolata, glabra, serrata.

Pedunc. axillares, brevissimi.

Infl. racemosa.

OBSERVATIONES.

Hæc est illa per quam celebris planta in Europa *Theæ Paraguáiy* nomine cognita; in Brasilia vero *Congonha*. Duæ dantur species, quarum, hæc amarior est, sed alia usitatior. Botanici aliqui ad genus Cassini referre perperam existimarunt, cum *Tetranda* sit.

Hispani foliis tostis, et in frustrula redactis, in aquam calidam cum saccharo injectis per modum sorbitionis frequentissime utuntur. Eis placuit *Mate* dicere. Qui ripas Paraguáiy incolunt, magna copia legunt; ad Potosy, cæteraque Ditionis Hispanicæ oppida exportant. Quæ hic consumitur, a Campis Præfecturæ Paulopolitanæ dictis Curitiba importatur.

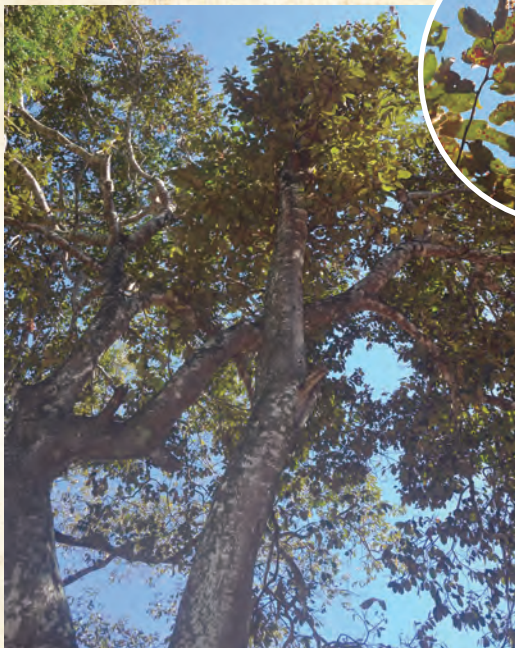
ESPÉCIES CITADAS POR
FREI VELLOZO
E SEUS NOMES VULGARES

AÇOITA-CAVALOS

Nome científico: *Luehea grandiflora* Mart. & Zucc. [*Brotera maritima* Vell.], *L. divaricata* Mart. & Zucc. [*Brotera mediterranea* Vell.]

Família: MALVACEAE

Origem: Nativa



L. grandiflora,
Tiradentes/MG



Volume VII, prancha 163

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vellozo cita duas espécies, mas apenas a *L. divaricata* vem sendo avaliada quanto ao seu potencial bioativo. Extratos dessa planta mostraram efeito vasodilatador, indicando um potencial futuro no tratamento da hipertensão.

Phytomedicine 56:74-82, 2019.
J Ethnopharmacol. 225:53-63, 2018.

“Duas espécies chamam-se em português Souta cavalos e são usadas para os mesmos fins. Sua madeira se presta para obras mecânicas e tamancos de madeira. Ocorre nos campos do litoral e do interior.”

AÇUCENA-DO-BREJO

Nome científico: *Brugmansia suaveolens*
(Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. &
Presl. [*Datura arborea* L.]

Família: SOLANACEAE

Origem: Exótica



B. suaveolens, Tiradentes/MG



“Chamada comumente de Assucena do brejo. Solta cheiro doce a noite.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

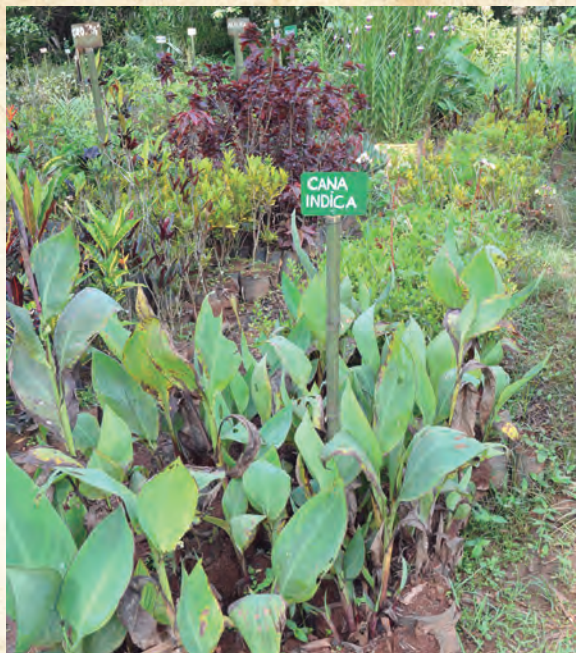
Vellozo cita a *B. arborea* (que é nativa dos Andes e cultivada no mundo todo), mas a ilustração da obra é da *B. suaveolens*. As *Brugmansia* são conhecidas como trombeteira ou saia-branca. Suas folhas são ricas em alcaloides de estrutura tropânica, que afetam o sistema nervoso central. É considerada uma planta tóxica.

ALBARÁ, MBEERY

Nome científico: *Canna indica* L.

Família: CANNACEAE

Origem: Nativa



C. indica,
Flora
ICMBio,
Ritápolis/MG



Volume I, prancha 01

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É reconhecida hoje como uma planta ornamental. Extratos de suas raízes apresentaram atividade antimicrobiana, anti-helmíntica e inibidora do HIV-1. Estudos demonstraram que a planta é capaz de remover metais pesados e outros poluentes em ambientes aquáticos.

Biochem Biophys Rep 16: 50-55, 2018.
Environ Sci Pollut Res Int. 22(4):2406-15, 2015.
J Ethnopharmacol. 148 (1):317-21, 2013.

“O nome indígena é Mbeery (ou Beery ou Neery) ou Albará. A raiz, amassada no pilão com um pouco de água e açúcar e esfregada nos membros, ajuda na paralisia.”

ALECRIM

Nome científico: *Baccharis dracunculifolia*

DC. [*Cacalia rosmarinus* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



B. dracunculifolia, Serra de São José/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Rosmarinus officinalis L. é o nome do alecrim-da-horta, de origem europeia, ao qual Vellozo se refere. Já o alecrim-do-campo é nativa. A planta é muito visitada pelas abelhas, que retiram dele resinas e óleos voláteis para a preparação da própolis. Suas atividades anti-inflamatória, antimicrobiana e antidiabética foram confirmadas em vários estudos. Avaliação recente mostrou ainda que extratos da planta são capazes de prevenir a formação da cárie.

Int J Biol Macromol. 84:301-7, 2016.

Pharm. Biol. 54(7):1263-71, 2016.



Volume VIII, prancha 67

“Assim como o *Rosmarinus*,
recebe o nome de alecrim.
Muito aromática.”

ALMECEGA, ICICA

Nome científico: *Protium heptaphyllum*
(Aubl.) Marchand [*Amyris ambrosiaca* Vell.]

Família: BURSERACEAE

Origem: Nativa

“O nome indígena é Isica, nome Português Almessega. É chamada Almessega devido à resina semelhante ao Mastichi. Coumier disse que dessas árvores se origina a resina cinza da qual se faz o âmbar. Mas eu não acredito nisso. Ocorre tanto no litoral quanto no interior”.



Volume IV, prancha 03

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A resina extraída da planta é rica em α - e β -amirina, substâncias que desencadeiam ações no sistema nervoso central, no trato gastrointestinal e no sistema imunológico. Estudo recente *in vitro* evidenciou efeito antibacteriano e antiadipogênico, sinalizando um potencial futuro para o tratamento da obesidade. A resina já foi muito usada para aromatizar incensos.

Biomed Pharmacother. 109:1860-1866, 2019.

Fundam Clin Pharmacol.

doi:10.1111/fcp.12402, 2018.



P. heptaphyllum, Bonito de Minas/MG

AMBUYAEMBO, ANHANGAPUTURÛ

Nome científico: *Aristolochia cymbifera*
Mart. & Zucc. [*Aristolochia orbiculata* Vell.]

Família: ARISTOLOCHIACEAE

Origem: Nativa



A. cymbifera, Catas Altas/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Papo-de-peru e cipó mil-homens são alguns dos nomes populares atribuídos às espécies de *Aristolochia* usadas como medicinais. A *A. cymbifera* é uma das espécies mais estudadas, tendo apresentado efeitos antimicrobiano, antiparasitário e antioxidante.

Springerplus 2:430, 2013.
Planta Med. 76(13):1454-6, 2010.



Volume IX, prancha 96

“O odor fétido das flores levou ao nome indígena Anhangapurú que significa ‘Cofa do diabo’. Outro nome é Ambuyambo, atribuído por Marcgrave. É muito frequente nas matas.”

AMINIU

Nome científico: *Gossypium arboreum* L.

Família: MALVACEAE

Origem: Exótica



G. arboreum,
Bonito de
Minas/MG



Volume VII, prancha 49

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do algodoeiro, planta de elevado valor econômico devido ao seu emprego nas indústrias farmacêutica e têxtil. Suas sementes fornecem um óleo usado também na cosmética e na alimentação. É planta exótica cultivada. Um estudo mostrou o efeito benéfico de extratos da planta no tratamento de feridas.

J Ethnopharmacol.119(1):141-4, 2008.

“O nome convencional brasileiro é Aminiú. Sendo uma planta conhecidíssima, não é preciso falar mais nada. Algumas espécies são oriundas da Ásia e da África, e a respeito delas deve-se perguntar a quem as planta.”

ANGICO, CAUVI, COLUBRINA

Nome científico: *Anadenanthera colubrina*
(Vell.) Brenan [*Mimosa colubrina* Vell.]

Família: FABACEAE

Origem: Nativa



A. colubrina,
Parque Santo
Antônio,
Andrelândia/MG



Polyp. Monoc.
MIMOSÁ COLUBRINA
(Tab. 16.)
Volume XI, prancha 16

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas da planta são ricas em taninos e já foram aproveitadas como adstringente na indústria do curtume. Estudos recentes evidenciaram atividade antioxidante, antibacteriana, anti-inflamatória e antifúngica.

Biomolecules. 9(10).pii: E590, 2019.

Nat Prod Res. 14:1-6, 2019.

Braz Oral Res. 33:e023, 2019.

“As pessoas do litoral chamam de Colubrina. É também chamada de Cauvi e Angico. Todas as suas partes são usadas para a curtição do couro.”

ANINGA-PERI, IMBÉ-RANA, GUIMBÉ-DA-PRAIA

Nome científico: *Montrichardia arborescens*
(L.) Schott [*Arum arborescens* L.]

Família: ARACEAE

Origem: Nativa

“Marcgrave chama de Aninga Peri, nossos índios chamam como Imbe-rana e os portugueses Guimbé da praya. Das raízes podem fazer cordas grossas. Muito comum como rasteira ou como parasita. Lugares arenosos do litoral.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem estudos de bioatividade com esta planta.



Volume IX, prancha 108



APERTA-RUÃO

Nome científico: *Piper aduncum* L.

Família: PIPERACEAE

Origem: Nativa



P. aduncum,
Serra de São
José/MG



Volume I, prancha 60

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Essa planta é conhecida também como falso-jaborandi. Extratos obtidos de suas folhas mostraram atividade antimicrobiana, antiparasitária, inseticida, larvicida e anti-inflamatória.

Parasite 26: 23, 2019.

Medicines (Basel) 4(3), 2017.

Planta Med. 82(17):1475-1481, 2016.

“Pimenta chamada Apertaruão por ser adstringente e usada pelas mulheres para voltarem a ter a sensação de virgindade. É aromática. Ocorre nos locais secos e arenosos.”

ARAÇÁ

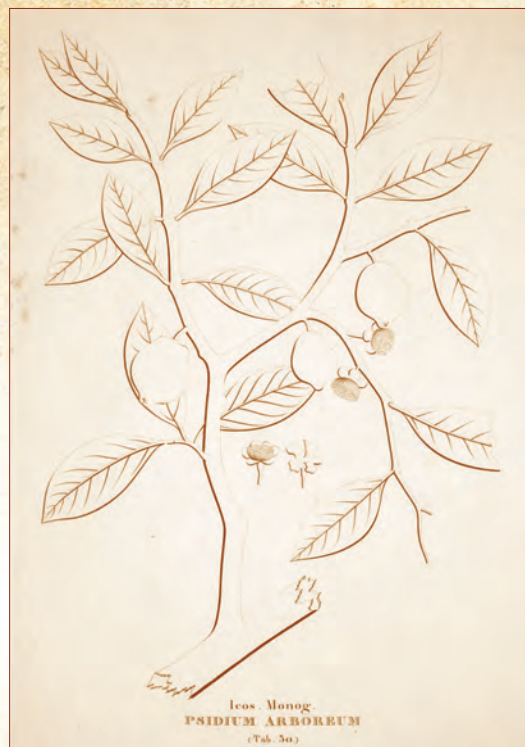
Nome científico: *Psidium arboreum* Vell.; *Psidium rufum* Mart. ex DC. [*Psidium pilosum* Vell.]

Família: MYRTACEAE

Origem: Nativa



P. guineense, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG



Volume V, prancha 50

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Araçá é o nome dado a várias espécies de *Psidium*, plantas comuns no cerrado. Os frutos são comestíveis, sendo os do *P. cattleianum* muito apreciados. As espécies contam com estudos que confirmaram seus efeitos como antioxidante, anti-inflamatório e antimicrobiano.

Food Chem. 258:95-103, 2018.

J Sci Food Agric. 98(11):4331-4338, 2018.

“O nome comum brasileiro é Araçá.
É azedo. Observei em Parati.”

ARTEMIGEM-DA-PRAIA

Nome científico: *Parthenium hysterophorus* L.

[*Ambrosia humillis* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Exótica



P. hysterophorus, Tiradentes/MG



Volume X, prancha 25

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos vêm confirmando a eficácia dessa planta como herbicida, sinalizando seu potencial como um futuro substituto dos agrotóxicos.

J OleoSci. 68(8):747-757, 2019.
J Environ Manage. 247:224-233, 2019.

“Comumente conhecida como Artemige da praya. Tem odor suave. Ocorre na beira do mar.”

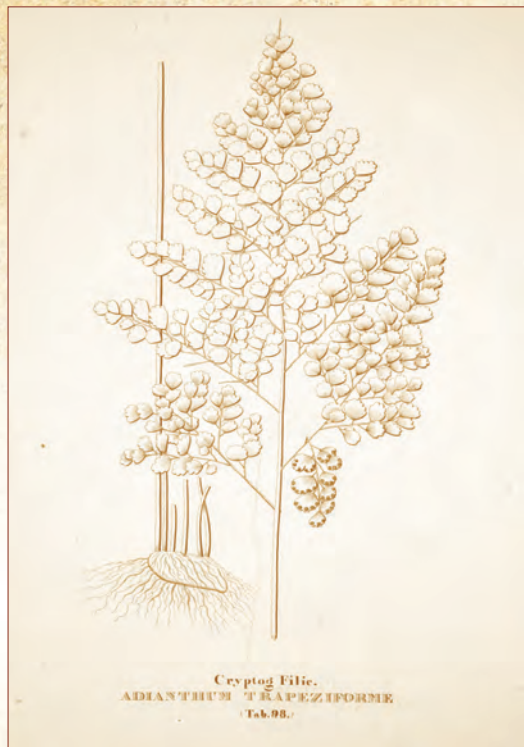
AVENCA

Nome científico: *Adiantum trapeziforme* L.

Família: PTERIDACEAE

Origem: Exótica

“Conhecida pelo nome vulgar de Avenca. Penso que é uma espécie comumente usada nas farmácias. Ocorre em toda parte, sendo abundante no litoral.”



Volume XI, prancha 98

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Avenca é o nome genérico atribuído às espécies naturalizadas de *Adiantum*. A avenca *A. capilluveneris* era usada no passado para o tratamento de bronquite e outros problemas respiratórios, sendo inclusive comercializada nas farmácias. Estudos recentes *in vitro* confirmaram as atividades antimicrobiana e anticâncer. Nenhum estudo foi realizado com a espécie citada por Vellozo.

Front Pharmacol. 9:815, 2018.



A. subcordatum, Serra de São José/MG

AZEDAS

Nome científico: *Hibiscus sabdariffa* L.

Família: MALVACEAE

Origem: Exótica

“Comumente chamadas de Azedas. Os negros as usam frequentemente na comida, as outras pessoas não. Pode ser feito com elas o vinho dos franceses Gallis e dos ingleses Sorrel. Para isso consultar o Jacquin. Cultivadas nos quintais.”



H. sabdariffa,
Curvelo/MG



Volume VII, prancha 30

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É o hibisco, planta exótica cultivada. Atualmente é usada na preparação de bebidas, doces e geleias. É bastante estudada e com vários efeitos comprovados, entre eles como anti-hipertensiva e na melhoria da memória. A planta é rica em antocianidinas, substâncias com elevada capacidade antioxidante.

Evid Based Complement Alternat Med. 2019;9694212, 2019.
J Altern Complement Med. doi: 10.1089/acm.2019.0220, 2019.
Kobe J Med Sci. 2018, 2018.

BABOSA

Nome científico: *Aloe perfoliata* L.

Família: ASPHODELACEAE

Origem: Exótica



Aloe spp., Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG



Volume III, prancha 123

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Babosa é o nome genérico atribuído às espécies de *Aloe*, originárias do continente africano. A *Aloe vera* é a espécie mais difundida no mundo e por isso centenas de estudos já foram realizadas com ela. Entre os resultados mais importantes está o efeito benéfico do gel no tratamento de queimaduras de 1º e 2º graus. Esse emprego é recomendado pela OMS e pela ANVISA. O potencial da espécie citada por Vellozo não foi ainda avaliado.

Int J Low Extrem Wounds. 17(3):176-183, 2018.
Plast Reconstr Surg. 42(1):217-226 2018.

“É a Baboza portuguesa. As folhas cortadas horizontalmente exsudam um líquido viscoso. Locais do litoral e do interior.”

CAAPEBA, GUAXIMA, PERIPAROBA

Nome científico: *Piper umbellatum* L.

Família: PIPERACEAE

Origem: Nativa



P. umbellatum, Tiradentes/MG



Volume I, prancha 60

“Conhecida comumente por Caapéba ou Periparóba. Marcgrave afirma que os portugueses chamam essa pimenta de Guaxima, que pertence às Malvaceae. A raiz da planta tem força aperitiva e uso médico. Ocorre em locais úmidos do litoral e do interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Esta planta vem sendo usada na alimentação, por ser considerada uma PANC. Estudos recentes demonstraram atividade protetora gástrica, anti-inflamatória, antibacteriana e antioxidante. Marcgrave foi um dos naturalistas holandeses que participaram da ocupação do nordeste do Brasil no século XVII, e descreveu sobre o uso das plantas pelos ameríndios.

Nat Prod Res. 20:1-5, 2019.

J Ethnopharmacol. 192:123-131, 2016.

Evid Based Complement Alternat Med. 2015:948737, 2015.

CAA-VU

Nome científico: *Indigofera suffruticosa* Mill.

[*Indigofera anil* L.]

Família: FABACEAE

Origem: Nativa

“O nome indígena é Caá-vu, por causa da cor azul. Muito conhecida pelos habitantes do Rio de Janeiro e bastante cultivada devido à fécula tintorial com nome de anil. A cada dia navios carregados levam a planta para Portugal. Ocorre no litoral.”



Volume VII, prancha 120

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Anil ou anileira são os nomes populares atribuídos atualmente a essa planta. Suas folhas contêm alcaloides de cor azulada, e por isto a planta é usada em tinturaria. Os efeitos antibacteriano, antifúngico e antitumoral da planta foram demonstrados em vários estudos.

Adv Pharmacol Sci. 2018;8168526, 2018.

Front Microbiol. 6:13, 2015.

Front Microbiol. 6:350, 2015.



I. suffruticosa, Santa Cruz de Minas/MG

CAIAPÍÁ, CONTRAERVA, FIGUEIRA-TERRESTRE

Nome científico: *Dorstenia cayapia* Vell.

Família: MORACEAE

Origem: Nativa

“O nome indígena é Cayápiá, devido à semelhança com o sexo dos macacos. Em português é Contra-herva e Figueira Terrestre, devido ao odor e ao sabor. Em razão da sua qualidade como antídoto e contraveneno tornou-se celeberrima e importante na Matéria Médica. Quero lembrar ao leitor que no interior há outra *Dorstenia* que o povo usa cotidianamente. Gosta de terrenos cobertos de árvores. É frequente na Paróquia de Guaratiba e em Campo Grande.”



Volume I, prancha 137

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Dorstenia* recebem o nome de caiapiá, e são usadas há milênios pelos ameríndios no tratamento de picadas de cobras. Seus efeitos anti-inflamatório e antimicrobiano foram confirmados e são atribuídos à presença de furanocumarinas.

Arch Pharm Res. 40(10):1129-1134, 2017.

Drug Discov Ther. 7(2): 66-72, 2013.

Phytochemistry. 72(9): 929-34, 2011.



D. cayapia, Serra do Sucuriú, Francisco Badaró/MG

CAIRU-SÚ

Nome científico: *Centella asiatica* (L.) Urb.
[*Hydrocotyle biflora* Vell., *H. triflora* Ruiz & Pav.]

Família: APIACEAE

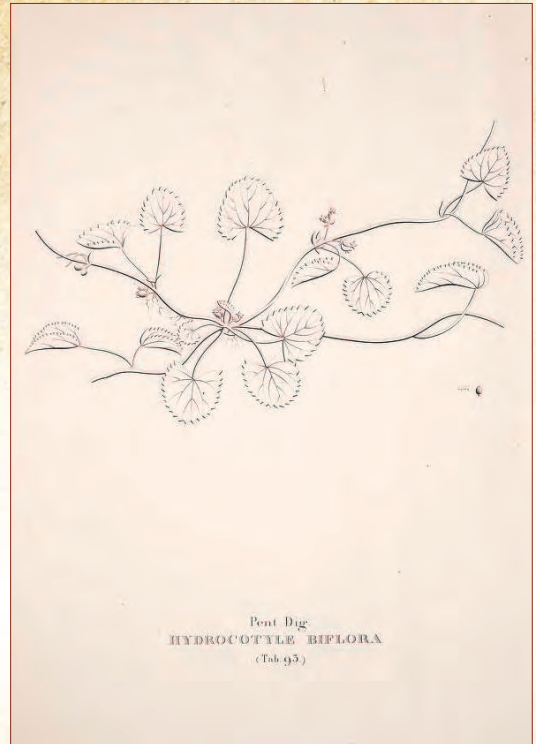
Origem: Exótica

“Deparei-me com essa planta nos recifes costeiros. Chamada de Cairu-sú. Montanhas do interior, locais sombreados.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta muito estudada e que teve seus efeitos como cicatrizante da pele e da mucosa estomacal confirmados em estudos com animais. Outros efeitos confirmados são o combate à inflamação e à insuficiência venosa crônica.

Planta Med. doi: 10.1055/a-1008-6138, 2019.
BMC Complement Altern Med. 19(1):213, 2019.
AAPS Pharm Sci Tech. 20(7):277, 2019.



Volume III, prancha 93

C. asiatica,
Museu de
História Natural e
Jardim Botânico
da UFMG/MG



CAMBARÁ

Nome científico: *Tilesia baccata* (L.f.)

Pruski [*Bupthalmum equinum* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



Tilesia baccata, Tiradentes/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem estudos de bioatividade com essa planta.



Volume VIII, prancha 131

“Conhecida como Cambará.
É avidamente comida pelos
quadrúpedes, especialmente os
cavalos. Encontrada com frequência
em terrenos do interior recentemente
desmatados; raramente no litoral.”

CANA-DO-BREJO, PACÓ-CAATINGA

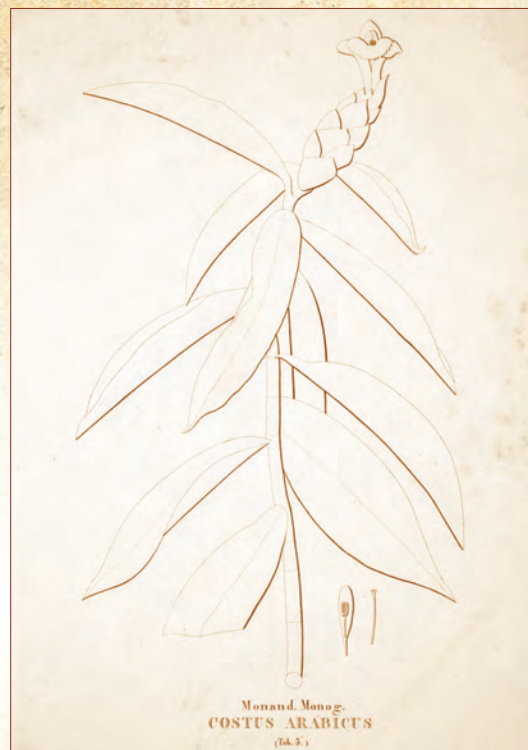
Nome científico: *Costus arabicus* L.

Família: COSTACEAE

Origem: Nativa



C. arabicus,
Museu de
História
Natural
e Jardim
Botânico da
UFMG, Belo
Horizonte/MG



Volume I, prancha 05

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos preliminares *in vitro* mostraram que o chá da planta inibe o surgimento e a adesão de cristais de oxalato de cálcio às células renais, evitando a formação de cálculo. O uso excessivo da planta, por outro lado, pode ser tóxico. Outra ação confirmada é como bactericida.

Urolithiasis. 43(2):119-24, 2015.

“O nome indígena é Pacó-caatinga,
em português Canna do Brejo.

O suco do caule é usado
comumente contra a gonorreia.
Também usada para tratar feridas
que não são de origem venérea.”

CANELA-DE-EMA

Nome científico: *Vellozia candida* J. C. Mikan

[*Vellozia maritima* Vell.]

Família: VELLOZIACEAE

Origem: Nativa



Vellozia spp.,
Serra do Caraça,
Catas Altas/MG



Volume V, prancha 79

“Conhecida comumente como
Canella de Ema. Cresce nas pedras.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Acredita-se que o nome “*Vellozia*” tenha sido atribuído a essa planta em homenagem a Frei Vellozo, mas isso é um engano. A homenagem foi prestada a outro religioso também botânico, natural de Mariana, Joaquim Veloso de Miranda. Apenas a *V. gigantea* foi submetida recentemente a estudo que confirmou sua ação antimicrobiana e antimalárica.

Mem Inst Oswaldo Cruz. 112(10):692-697, 2017.

CANJERANA

Nome científico: *Cabralea canjerana*
(Vell.) Mart. [*Trichilia canjerana* Vell.]

Família: MELIACEAE

Origem: Nativa



C. canjerana,
Morro do
Pilar/MG



Volume IV, prancha 02

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta pertence à mesma família do nim (*Azadirachta indica* Juss.), planta de origem asiática e cujas folhas são usadas mundialmente como inseticida. A ação inseticida da canjerana também vem sendo evidenciada em estudos, indicando seu potencial futuro como substituto dos pesticidas sintéticos.

J Insect Sci. 14:47,2014.

Z Naturforsch C. 66(5-6):245-50, 2011.

“Chamada comumente de
Canjerana. Fornece madeira.
Ocorre nas matas do litoral
e do interior.”

CAROBA

Nome científico: *Jacaranda caroba*
(Vell.) DC. [*Bignonia caroba* Vell.]

Família: BIGNONIACEAE

Origem: Nativa

Foto: Luiz Cruz



J. caroba, Tiradentes/MG



Volume VI, prancha 43

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Substâncias fenólicas presentes na planta mostram efeito antioxidante específico para o tratamento de distúrbios neurodegenerativos.

Food Chem Toxicol. 57:91-8, 2013.

“Conhecida comumente como Carôba. Tem poder antivenéreo. Os interioranos a deixam crescer muito. É amarga. Encontrada nos campos do interior.”

CARQUEJA

Nome científico: *Baccharis crista* Spreng.
[*Cacalia decurrens* Vell.; *Cacalia sessilis* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



B. crista, Serra de São José/MG



Volume VIII, prancha 72

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A carqueja é bastante conhecida e usada na medicina popular como digestiva e protetora hepática. Diferentes estudos confirmaram essa ação, mas evidenciaram também certa toxicidade no seu uso freqüente.

Chem Biol Interact. 296:65-75, 2018.

Evid Based Complement Alternat Med. 2018:6532637, 2018.

Biomed J. 41(3):194-201, 2018.

“Conhecida comumente como Carqueja. Tem sabor amargo. Ocorre nos campos e montanhas do interior.”

CARRAPICHOS

Nome científico: *Acanthospermum australe*
(Loefl.) Kuntze [*Orcya adherescens* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



A. australe, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG



Volume VIII, prancha 83

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Várias espécies de plantas ruderais são chamadas de carrapicho. É preciso ter cautela na coleta de tais plantas, porque muitas vezes elas ocorrem em locais poluídos. A *A. australe* vem sendo objeto de estudos, e alguns deles mostraram atividade anti-diarreica e antiviral.

Braz J Biol. 78(4):619-624, 2018.

Pharm Biol. 49(1):26-31, 2011.

“Conhecido comumente como Carrapixos. Esse nome é apropriado, porque as sementes aderem às roupas. Ocorre por toda parte.”

CARURÚ-MIÚDO

Nome científico: *Amaranthus viridis* L.

Família: AMARANTHACEAE

Origem: Exótica



A. viridis, Tiradentes/MG



Volume X, prancha 27

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O caruru era usado como alimento no passado, costume que vem sendo retomado hoje, por ser considerada uma PANC. Seu potencial antioxidante e nutricional foi confirmado em estudos recentes.

Heliyon. 28;5(3):e01431, 2019.

An Acad Bras Cienc. 90(2):1775-1787, 2018.

Indian J Pharmacol. 50(3):130-138, 2018.

“Chamado de Caruru miúdo. Cresce em toda parte, especialmente nas terras trabalhadas.”

CHÁ-DO-PARAGUAI, CONGONHA

Nome científico: *Ilex dumosa* Reissek

[*Chomelia amara* Vell.]

Família: AQUIFOLIACEAE

Origem: Nativa

“Essa é a planta conhecida na Europa como Chá do Paraguai e no Brasil como Congonha. O mesmo nome é dado para duas espécies, uma das quais é mais amarga que a outra. Alguns botânicos imaginaram que se tratava do gênero *Cassini*. Os espanhóis deixam a folha tostada embebida com água e açúcar e a chamam de mate. No Paraguai tem grande abundância em Potossy e outras cidades de onde é exportada. É muito consumida nos campos da Prefeitura de Curitiba.”



Volume I, prancha 106

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

No gênero *Ilex* são agrupadas várias espécies, sendo a mais conhecida o *Ilex paraguariensis*, usado na preparação do chá-mate, do chimarrão e do tererê. Essas bebidas são estimulantes, devido à presença da cafeína em elevada concentração. A planta é rica também em substâncias fenólicas com atividade antioxidante. O *I. paraguariensis* foi submetido a dezenas de estudos que confirmaram seus efeitos benéficos, mas a *Ilex dumosa*, citada por Vellozo, ainda está para ser estudada.

Nutrients 10(11). pii: E1682, 2018.



I. paraguariensis A. St-Hil., Andrelândia/MG

CIPÓ-CARIJÓ

Nome científico: *Davilla nitida* (Vahl)

Kubitzki [*Hieronon scabra* Vell.]

Família: DILLENIACEAE

Origem: Nativa



Davilla rugosa
Poir., Serra do
Ibitipoca/MG



Volume V, prancha 116

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Duas espécies de *Davilla* são comumente usadas hoje e tiveram seus efeitos confirmados por estudos: a *D. elliptica* (anti-inflamatória) e a *D. rugosa* (antimicrobiana). Um estudo mostrou que o extrato da *D. nitida*, citada por Vellozo, é eficaz no combate a bactérias resistentes aos antibióticos usuais.

Nat Prod Res. 23:1-6, 2018.

J Nat Med. 69(4):487-93, 2015.

Pharmacogn Mag. 11(Suppl 4): S625-33, 2015.

“Chamada comumente de Sipó carijó, devido à sua cor. As pessoas do interior usam muito essa planta para fazer sebes. Ocorre nas matas do litoral e do interior.”

CIPÓ-DA-GOTA

Nome científico: *Cissus verticillata* (L.)
Nicolson & C. E. Jarvis [*Cissus nitida* Vell.]

Família: VITACEAE

Origem: Nativa



C. verticillata, Tiradentes/MG



Tetrad. Monog.
CISSUS NITIDA
(Tobacco)

Volume I, prancha 100

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Duas espécies de *Cissus* são descritas por Vellozo na sua obra, e ele atribui à *C. paullinifolia* um uso medicinal. Atualmente a *C. verticillata*, também citada por Vellozo, é a mais usada e seu efeito antimicrobiano foi confirmado.

J Photochem Photobiol B. 133:80-9, 2014.

“Atribuem a essa espécie o poder de curar a artrite, por isso os portugueses lhe dão o nome de Sipó da gota. Cresce em qualquer lugar.”

CIPÓ-ICICA

Nome científico: *Mikania glomerata*

Spreng. [*Cacalia trilobata* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



M. glomerata, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG



Volume VIII, prancha 54

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta conhecida hoje sob o nome de guaco, sendo usada inclusive pela indústria farmacêutica na produção de xaropes. Suas folhas são ricas em cumarinas, que lhe conferem um odor característico, especialmente quando desidratadas. O efeito anti-inflamatório específico para o tratamento de doenças respiratórias foi confirmado por vários estudos.

J Ethnopharmacol. 231:50-56, 2019.

J Ethnopharmacol. pii: S0378-8741(18)32202-5, 2018.

Biomed Pharmacother. 99:591-597, 2018.

“Comumente conhecida como Sipó-issica. Tira-se dela uma resina semelhante à da aroeira. As flores são odoríficas, cândidas.”

CIPÓ-SUMA

Nome científico: *Anchietea pyrifolia*
(Mart.) G. Don [*Viola summa* Vell.]

Família: VIOLACEAE

Origem: Nativa



Foto: Juliana Paula-Souza



Volume VIII, prancha 161

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente evidenciou ação anti-hipertensiva de extratos obtidos das folhas da planta.

J Med Food. 22(4):393-407, 2019.

“Conhecido comumente como Sipo summa. Interioranos usam as raízes devido à força catártica. Tem abundância no litoral.”

COPAÍBA, COPAÍVA, COPAIVEIRA

Nome científico: *Copaifera* spp.

Família: FABACEAE

Origem: Nativa



C. langsdorffii Desf., Coronel Xavier Chaves/MG



Volume IV, prancha 88

“Copaiba ou copaiva, comumente chamada de copaiveira oficial. Ocorre em toda parte.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As copaibeiras são árvores frondosas que produzem um bálsamo. A espécie *C. officinalis* foi citada por Vellozo, mas como não ocorre no Brasil, provavelmente ele se referiu à *C. langsdorffii* Desf., que ocorre no sudeste do país. O bálsamo das copaíbas, como cicatrizante de feridas, foi um dos primeiros remédios copiados dos ameríndios pelos portugueses. Vários estudos já demonstraram que esse bálsamo é rico em diterpenos e óleos voláteis com elevada capacidade anti-inflamatória tópica.

J. Ethnopharmacol. 219:319-336, 2018.

CUIPEÚNA

Nome científico: *Pleroma mutabile* (Vell.)

Triana [*Melastoma mutabilis* Vell.]

Família: MELASTOMATACEAE

Origem: Nativa



Pleroma granulosum (Desr.) D. Don, Tiradentes/MG



Volume IV, prancha 130

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Pleroma* ocorrem no sudeste do Brasil e são conhecidas sob o nome de quaresmeira. Não existem estudos de bioatividade com a *P. mutabile* citada por Vellozo. A árvore é usada comumente como ornamental.

“Os indígenas a chamam comumente de Cuipeúna. A partir dela faz-se uma tinta útil para o curtume. Ocorre nas montanhas de Parati.”

ERVA-DE-SÃO-JOÃO, MENTRASTO

Nome científico: *Ageratum conyzoides* L.

[*Cacalia mentrasto* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



A. conyzoides, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG



Volume VIII, prancha 69

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos recentes comprovaram a ação das folhas da planta no tratamento de problemas renais e hepáticos, como antibacteriana e anti-inflamatória.

Med Pharm Rep. 92(2):153-157, 2019.

Complement Med Res. 25(6):376-382, 2018.

J Ethnopharmacol. 194:369-377, 2016.

*“Conhecida comumente como
Herva de São João e Mentrasto.
Utilizada na constipação. Ocorre
no litoral e no interior.”*

ERVA-POMBINHA

Nome científico: *Phyllanthus niruri* L.

Família: PHYLLANTHACEAE

Origem: Nativa



P. tenellus Roxb., Tiradentes/MG



Monoc. Triand.
PHYLLANTHUS NIRURI
(Tab. 16.)

Volume X, prancha 16

“Chamada Herva pombinha.
Ocorre por toda parte.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

P. niruri e *P. tenellus* são também conhecidas como quebra-pedra. Estudo recente realizado com animais confirmou que a planta é benéfica na prevenção do surgimento do cálculo renal.

Int Braz J Urol. 44(4):758-764, 2018.

GOIABA

Nome científico: *Psidium guajava* L.

[*Psidium pyriferum* L.]

Família: MYRTACEAE

Origem: Exótica

“Chamada comumente de Guayaba. Encontrada por toda parte. Come-se o fruto com açúcar. As folhas são adstringentes. Os técnicos dos moinhos a usam na lixivia para depurar o açúcar. Suspeita-se que dessa planta pode-se tirar um sal alcalino para a produção de vidro. Tem a variedade branca.”



Volume V, prancha 48

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta distribuída em várias partes do mundo, sendo seus frutos muito apreciados. As folhas são usadas tradicionalmente como antidiarreica, e essa ação ocorre devido à presença de taninos e flavonoides. Estudo recente mostrou a eficácia do extrato da planta contra microrganismos resistentes aos antibióticos usuais e outros que promovem as cáries.

Arch Oral Biol. 109:104554, 2019.

J Integr Med. 16(5):350-357, 2018.

*J Contemp Dent Pract.*19(6):690-697, 2018.



P. guajava, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

GUABIROBA

Nome científico: *Campomanesia guaviroba*
(DC.) Kiaersk. [*Psidium dulce* Vell.]

Família: MYRTACEAE



Campomanesia sp.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vellozo cita na sua obra três espécies de *Campomanesia*, que também recebem o nome de guabiroba, mas entre elas apenas a *C. guaviroba* é uma espécie válida. Não existem estudos de bioatividade com a *C. guaviroba*.



Volume V, prancha 56

“Conhecida comumente como Guabiroba. O fruto é doce, sem acidez, como o das plantas congêneres. As árvores do interior são mais saborosas. Ocorre nas matas perto do Prédio de Santa Cruz.”

GUANDU

Nome científico: *Cajanus cajan* (L.) Mill sp.

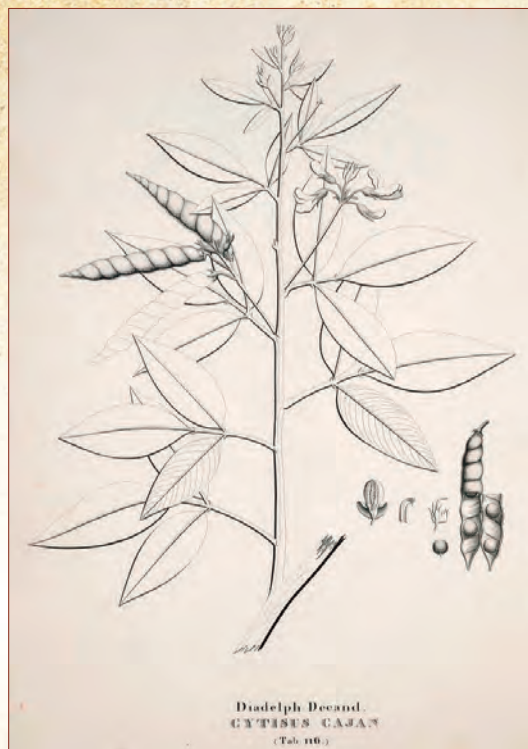
[*Cytisus cajan* L.]

Família: FABACEAE

Origem: Exótica



C. cajan, Tiradentes/MG



Volume VII, prancha 116

“Conhecido como Guandos. É originária da África. Cultivada nos quintais.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É um tipo de feijão altamente nutritivo. Estudos *in vitro* confirmaram atividade antioxidante e antimutagênica.

J Food Biochem. 43(2):e12706, 2019.

Mutat Res Genet Toxicol Environ Mutagen. 826:1-5, 2018.

IMBIRUÇÚ

Nome científico: *Bombax ceiba* L.

[*Bombax heptaphyllum* Cav.]

Família: MALVACEAE



Pseudobombax sp., Tiradentes/MG



Volume VII, prancha 52

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A espécie *B. ceiba*, citada por Vellozo, não ocorre no Brasil. É possível que o autor tenha se referido a outra espécie semelhante, do gênero *Pseudobombax*, que também recebem o nome de imbiricu. Estudo mostrou a atividade anti-inflamatória das cascas da espécie *Pseudobombax marginatum*.

J Ethnopharmacol. 149(2):416-21, 2013.

“Conhecida comumente como
Imbirussú. Ocorre no litoral
e no interior.”

INGÁ

Nome científico: *Inga cylindrica* (Vell.) Mart.
[*Mimosa cylindrica* Vell.]; *Inga sessilis* (Vell.)
Mart. [*Mimosa sessilis* Vell.]

Família: FABACEAE

Origem: Nativa



Inga sp., Ritópolis/MG



Volume XI, prancha 09

“Chamado Ingamerim. Ocorre
no litoral e no interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

São as plantas chamadas de ingás. Produzem frutos comestíveis. Não existem estudos de bioatividade realizados com essas espécies.

IPÊ-DO-CAMPO, IPEÚVA

Nome científico: *Handroanthus serratifolius*
(Vahl) S.Grose [*Bignonia flavescens* Vell.]

Família: BIGNONIACEAE

Origem: Nativa



*Handroanthus
ochraceus*
(Cham.)
Mattos,
Jeceaba/MG



Volume VI, prancha 51

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Handroanthus* são conhecidas também como ipê-amarelo. As cascas contêm substâncias com efeito contra a *Leishmania*.

Evid Based Complement Alternat Med.
2017;8074275, 2017.

“Comumente conhecida como
Ipeúva ou Ipê do Campo.”

JABOTICABA

Nome científico: *Plinia cauliflora* (Mart.)

Kausel [*Myrtus jaboticaba* Vell.]

Família: MYRTACEAE

Origem: Nativa

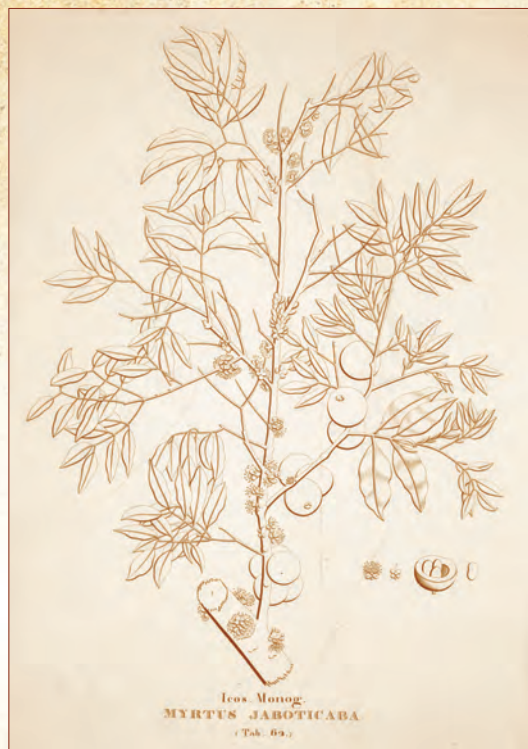
“Os brasileiros colocam esse fruto no lugar mais eminente. Afirma-se que na Prefeitura de São Vicente, no litoral de São Paulo, estão os melhores. Por isso eles são transportados do mato para as hortas, onde são cultivados. As pessoas do interior que têm árvores carregadas de frutos cobram caro para que sejam colhidos. Os habitantes das margens do rio São Francisco usam os frutos para fazer uma bebida fermentada. A árvore é lindíssima, digna de ser cultivada nos pomares dos reis, não só pela força das folhas mas também pela particularidade de seus frutos cobrirem os ramos. O pericarpo é usado pelo povo do interior como adstringente e para cortar a diarreia, como clisteres.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os frutos são ricos em antocianinas, substâncias com elevada capacidade antioxidante, úteis na prevenção de várias doenças. Vários estudos têm sido realizados e comprovam essas ações.

Toxicol Rep. 6:616-624, 2019.

J Ethnopharmacol. 242:112042, 2019.



Volume V, prancha 62



P. cauliflora, Sabará/MG

JACARANDÁ

Nome científico: *Machaerium* spp. e *Dalbergia* sp.

Origem: Nativa

“As espécies com folhas abruptamente pinadas são chamadas de jacarandá. Se eu tivesse mais tempo para este trabalho, iria descrever o peso e qualidades dessas madeiras. Mas o estreito do meu tempo não me permite fazer isso. Não faltarão pessoas interessadas na flora do Brasil para fazê-lo. Quero avisar que existem alguns arbustos também chamados jacarandá popularmente mas que são muito diferentes dos aqui descritas. São os jacarandás que pertencem ao gênero *Pterocarpus*. Ocorrem nas matas do litoral e nas margens do rio Itaguaí.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vellozo cita sob o nome de jacarandá diferentes espécies de *Machaerium* e uma *Dalbergia*. Essas árvores são comercialmente importantes devido à qualidade da madeira que fornecem. São utilizadas em construções, carpintaria e marcenaria.



Diadelp. Decand.
NISSOLIA INCORRUPTIBILIS
(Tab. 82.)

Volume VII, prancha 82



Jacarandá, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG

JAPECANGA

Nome científico: *Smilax fluminensis* Steud.

[*Smilax china* Vell.]

Família: SMILACACEAE

Origem: Nativa



Smilax sp.,
Tiradentes/
MG



Volume X, prancha 105

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Dezenas de espécies de *Smilax* ocorrem no Brasil e são usadas como “depurativas do sangue”. As raízes dessas plantas são ricas em saponinas, com atividades diurética, anti-inflamatória e redutora do colesterol e do triglicérides sanguíneos.

Food Res Int. 76(3):366-372, 2015.

“Planta com o nome brasileiro
comum de Iapecanga.
Ocorre no litoral.”

JOÁ-ARREBENTA-CAVALO

Nome científico: *Solanum capsicoides* All.
[*Solanum arrebenta* Vell.; *S. sinuatifolium* Vell.]

Família: SOLANACEAE

Origem: Nativa

“Chamada comumente de Joá arrebenta cavalo. Cresce no litoral e no interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome joá-arrebenta é atribuído a várias espécies de Solanaceae, que produzem frutos muito tóxicos. Estudos com as folhas vêm demonstrando efeitos antidepressivos e anti-hipertensivo em animais.

Arch Pharmacol. 392(8):979-990, 2019.
Phytomedicine. 23(5):498-508, 2016.



Volume II, prancha 127

Solanum palinacanthum Dunal, Tiradentes/MG



JUBEBA, JUREPEBA, JURIBEBA

Nome científico: *Solanum paniculatum* L.

[*Solanum jubeba* Vell.]

Família: SOLANACEAE

Origem: Nativa



S. paniculatum, Santuário do Caraça, Catas Altas/MG



Volume II, prancha 124

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Jurubeba é o nome atual atribuído às espécies arbóreas de *Solanum*, que fornecem frutos comestíveis. A *S. paniculatum* é a espécie mais conhecida, sendo empregada como remédio, na alimentação e na preparação de bebidas. Essa é também a espécie mais estudada, e suas ações analgésicas, de proteção hepática, antibacteriana e anti-inflamatória foram confirmadas.

Biomed Pharmacother. 110:129-138, 2019.

J Agric Food Chem. 2018 66(33):8703-8713, 2018.

“O nome de Jurupeba dá-se a algumas espécies de *Solanum*. São chamados também de Juripeba. Os frutos são pequenos. Atribui-se capacidade médica; o decocto das raízes é útil contra a gonorreia. Ocorre no litoral e no interior.”

LÍNGUA-DE-TUCANO

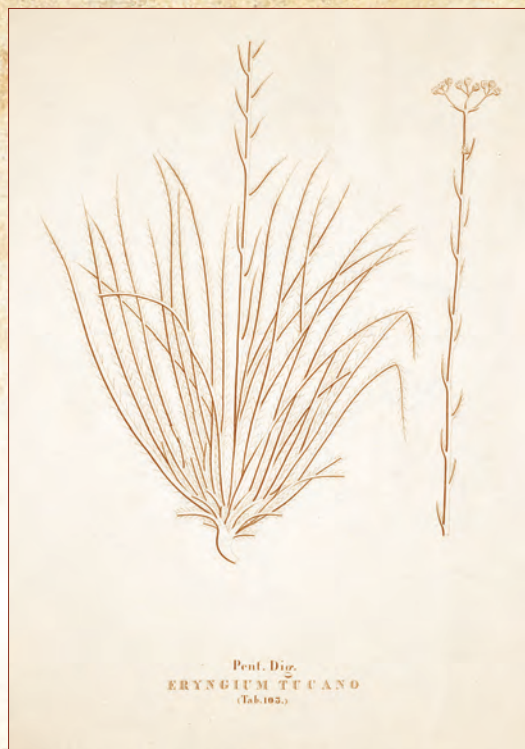
Nome científico: *Eryngium pristis* Cham.
& Schtdl. [*Eryngium lingua-tucani* Mart.]

Família: APIACEAE

Origem: Nativa



E. pristis, Serra de São José/MG



Volume III, prancha 103

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta foram testados contra várias bactérias resistentes a antibióticos mas não apresentaram efeito.

Molecules 21(3): 293, 2016.

“Chamado de Língua de Tucano. Ocorre no topo das montanhas, entre a grama. Preparação com a planta é usada como gargarejo na inflamação da garganta.”

LÍNGUA-DE-VACA, TAPYRA-PECÛ

Nome científico: *Chaptalia nutans* (L.)

Polák [*Tussilago vaccina* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



C. nutans,
São João
Del Rei/MG



Volume VIII, prancha 143

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A despeito da importância medicinal descrita por Vellozo há séculos, não existem estudos recentes de bioatividade com essa planta.

“Conhecida comumente como *Lingua de Vacca*, que vem do nome brasileiro, *Tapyra-pecû*. Coletada muito frequentemente pelo país devido ao seu poder de cura.”

MACELA

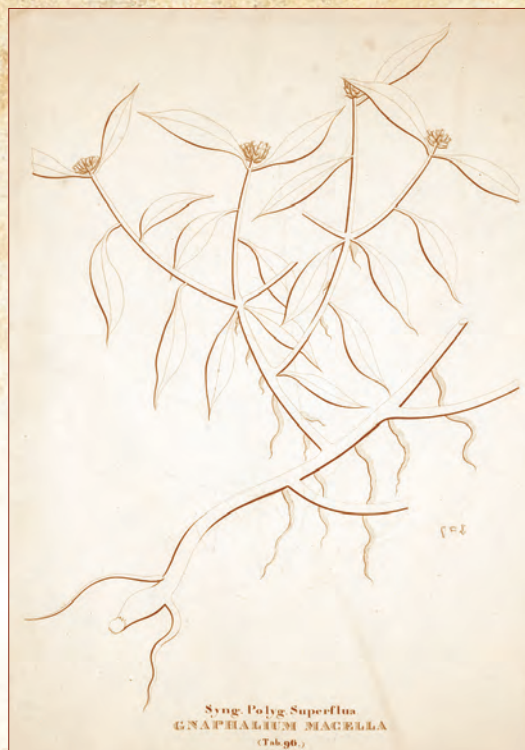
Nome científico: *Pseudognaphalium cheiranthifolium* (Lam.) Hilliard & B.L.Burt
[*Gnaphalium macella* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



A. satureoides (Lam.) DC., Resende Costa/MG



Sing. Polyg. Superflua
GNAPHALIUM MACELLA
(Tab. 96.)

Volume VIII, prancha 96

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Sob o nome de macela é atualmente conhecida a espécie *Achyrocline satureoides*, usadas no Sul e no Sudeste do Brasil para o enchimento de almofadas e travesseiros. Outra espécie é indicada por Vellozo sob o nome de Macela e suas flores são usadas para o mesmo fim. A macela *A. satureoides* já foi submetida a estudos que confirmaram seus efeitos antioxidantes e anti-úlceras gástricas. Já a *P. cheiranthifolium* não foi ainda estudada.

J Ethnopharmacol. 130(2):334-9, 2010.

“Comumente conhecida como Macella. Flores são usadas frequentemente para encher almofadas, mas o odor pode desagradar. Usada em banhos.”

MARACUJÁS

Nome científico: *Passiflora alata* Curtis

[*Passiflora maliformis* L.]

Família: PASSIFLORACEAE

Origem: Nativa



Nome científico: *Passiflora edulis* Sims

[*Passiflora diaden* Vell.]

Família: PASSIFLORACEAE

Origem: Nativa



“Fruto é comestível. Folha tem uso médico como descrito por Piso. Litoral e interior.”

“Fruto amarelo, comestível. Folhas usadas como remédio. Litoral e interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Passiflora* ocorrem no Brasil, mas os frutos das espécies *P. edulis* e a *P. alata* são os mais empregados na preparação de produtos. As folhas dessas plantas contêm alcaloides e flavonoides com comprovado efeito sedativo. Um estudo demonstrou também a eficácia da farinha obtida da casca dos frutos no controle do diabetes.

Biomed Pharmacother. 102:848-854, 2018.

MELÃO-DE-SÃO-CAETANO

Nome científico: *Momordica charantia* L.

[*Momordica operculata* L.]

Família: CUCURBITACEAE

Origem: Exótica



M. charantia, Tiradentes/MG



Volume X, prancha 92

“Comumente chamada de Melão de São Caetano. Cresce por toda parte.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ruderal exótica, distribuída em várias partes do mundo. A espécie é muito estudada e testes preliminares em animais indicaram um possível efeito no tratamento do diabetes e nas inflamações.

Syst Rev. 15;7(1):192, 2018.
Lipids Health Dis. 6;17(1):251, 2018.

NHAMBÛ, NHAMBURANA

Nome científico: *Acmella oleracea* (L.)

R.K.Jansen [*Spilanthus oleracea* L.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



A. oleracea, CEVAE Coqueiros, Belo Horizonte/MG



Volume VIII, prancha 89

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se da planta conhecida hoje sob o nome de jambu, muito apreciada na culinária do norte do país. As folhas e flores da planta contêm substâncias do grupo das alquilamidas, que agem na mucosa oral promovendo sensação de anestesia. Extratos da planta foram eficazes como inseticida, bactericida e no tratamento das dores causadas por inflamação.

Inflammopharmacology. doi: 10.1007/s10787-019-00601-9, 2019.

Food Res Int. 116:1144-1152, 2019.

Fitoterapia. 131:225-235, 2018.

“Conhecido comumente como Nhambû e Nhamburana. Usada pelos brasileiros nos molhos de carne para estimular o apetite. A planta queima. Existe por toda parte, no litoral e no interior.”

NHANDÎ

Nome científico: *Piper anisum* (Spreng.)

Angely [*Piper jaborandi* Vell.]

Família: PIPERACEAE

Origem: Nativa



P. anisum, Flona ICMBio, Ritópolis/MG



Volume I, prancha 55

“Chamada comumente de Nhandi. Nasce em qualquer lugar do litoral ou interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se de outra planta que contém substâncias que promovem sensação de anestesia na boca. Estudo recente mostrou atividade de extratos contra as larvas do *Aedes aegypti*.

J Vector Borne Dis. 54(1):61-68, 2017.

OFICIAL-DE-SALA

Nome científico: *Asclepias curassavica* L.

Família: APOCYNACEAE

Origem: Nativa



A. curassavica, Tiradentes/MG



Volume III, prancha 64

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Essa planta é considerada tóxica devido à presença de substâncias cardioativas. Testes *in vitro* mostraram atividade contra células tumorais, sinalizando um potencial futuro como produto anticancerígeno.

Evid Based Complement Alternat Med.
2019;9076269, 2019.

Org Biomol Chem. 12(44):8919-29, 2014.

“Comumente conhecida como oficial da sala. Cresce por toda parte no litoral e interior.”

ORA-PRO-NOBIS

Nome científico: *Pereskia aculeata* Mill.

[*Cactus pereskia* L.]

Família: CACTACEAE

Origem: Nativa



P. aculeata, Bichinho, Prados/MG



Volume V, prancha 26

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta usada tradicionalmente para alimentação. Contém altos níveis de proteínas, minerais, fibras, vitaminas, além de substâncias fenólicas e flavonoides. Alguns estudos relatam atividade anti-inflamatória tópica em modelos de dermatite aguda e crônica. Estudos evidenciaram igualmente seu papel na cicatrização de feridas, como antinociceptiva, antioxidante e também como auxiliar no tratamento da obesidade.

J Food Biochem. 43(7):e12903, 2019.

Food Chemistry 294: 302-308, 2019.

Int J Mol Sci. 17(9). pii: E1478, 2018.

“Comumente conhecida como *Ora pro nobis*. Os negros africanos usam como comida no lugar do hibisco. Ocorre no litoral e no interior.”

ORELHA-DE-ONÇA

Nome científico: *Cissampelos ovalifolia*

DC. [*Echites dubius* Vell.]

Família: MENISPERMACEAE

Origem: Nativa



C. ovalifolia, Curvelo/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Apesar de ter tido suas virtudes medicinais destacadas por Vellozo, não existem estudos de bioatividade recentes com essa planta.



Volume III, prancha 50

“Chamada de Orelha de Onça. As raízes da planta são usadas na medicina rural para vários fins. Ocorre nos campos do interior.”

PAINEIRA

Nome científico: *Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.)

Ravenna [*Bombax aculeatum* L.]

Família: MALVACEAE

Origem: Nativa



C. speciosa, Itacarambi/MG



Monad Polyand.
BOMBAX ACULEATUM
(Tab. 56.)

Volume VII, prancha 56

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A paina (algodão) produzida pelos frutos dessa árvore eram empregados no enchimento de colchões e travesseiros. Estudo recente mostrou o potencial antioxidante do chá das cascas dos galhos.

Nat Prod Res. 24:1-4, 2018.

“Árvore lindíssima quando está florida. Conhecida comumente como Paineira. Ocorre nas florestas das montanhas do interior.”

PIMENTÃO, PIMENTA-DE-CHEIRO, QUECIMERIM

Nome científico: *Capsicum annuum* L.

[*Capsicum silvestre* Vell.]

Família: SOLANACEAE

Origem: Nativa

“Nome brasileiro Quecimerim. Também chamada Pimentão e Pimenta de Xeiro. É ocre. Excelente remédio para inflamação da garganta e do ânus. Os frutos são doces. Cultivada nos quintais. Cresce em qualquer lugar.”



C. annuum, CEVAE Coqueiros, Belo Horizonte/MG.



Volume II, prancha 01

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do pimentão, fruto rico em substâncias de valor nutricional e amplamente utilizado na culinária. A planta já foi submetida a milhares de estudos que mostraram efeitos muito importantes. Um estudo *in vitro* realizado recentemente evidenciou a atividade bloqueadora de uma enzima chave no desenvolvimento do mal de Alzheimer.

Prev Nutr Food Sci. 24(3):327-337, 2019.

Antioxidants (Basel). 8(10). pii: E469, 2019.

PINDAÍBA

Nome científico: *Xylopia frutescens*

Aubl. [*Xylopia muricata* Vell.]

Família: ANNONACEAE

Origem: Nativa



X. aromatica (Lam.) Mart., Bonito de Minas/MG



Volume IX, prancha 127

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Pindaíba é o nome popular atribuído a várias espécies de *Xylopia*. Estudos vêm sendo conduzidos com essas plantas, tendo a *X. aromatica* mostrado atividade nas disfunções metabólicas ocasionadas pela obesidade.

Food Res Int. 105:989-995, 2018.

“Na linguagem brasileira é chamada de Pindaíba. A casca do fruto é acre e aromática. O aroma lembra o cravo e a pimenta indiana. Ocorre no interior e no litoral.”

PINHAS

Nome científico: *Annona* spp.

Família: ANNONACEAE



Volume V,
prancha 127



Volume V,
prancha 126

“Comumente conhecida como
Fructa de conde, Pinha,
Araticûponhé e Araticûpitâya.
Raiz muito odorífica.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Pinha é o nome genérico atribuído a várias espécies de *Annona*, muitas delas nativas do Brasil. Os frutos são muito nutritivos, efeito confirmado por vários estudos. O potencial bioativo das plantas também vem sendo avaliado e comprovado. Estudos revelam, por exemplo, que substâncias do grupo das acetogeninas e dos alcaloides, presentes em várias espécies, apresentam atividade contra células tumorais *in vitro*.

Asian Pac J Cancer Prev. 20(9):2831-2840, 2019.
BMC Chem. 13(1):13, 2019.

PIPIÍ

Nome científico: *Petiveria alliacea* L.

[*Mapa graveolens* Vell.]

Família: PHYTOLACCACEAE

Origem: Exótica



P. alliacea, Tiradentes/MG



Volume I, prancha 153

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Essa planta recebe também o nome popular de guiné. Exala um aroma aliáceo, que no passado fez com que fosse usada também como condimento. Estudos mostraram efeito anti-inflamatório específico para o tratamento da asma. Outras ações determinadas em estudos foram como antioxidante, antimicrobiana e anti-helmíntica.

Chin J Integr Med. 24(12):912-919, 2018.
Prep Biochem Biotechnol. 48(7):646-652, 2018.
J Ethnopharmacol. 211:29-37, 2018.

“É conhecida pelo nome vulgar de Pipí. Tem odor forte, por isso para as pessoas simples do interior, sobretudo os negros, ela tem uso médico.”

PITANGA

Nome científico: *Eugenia uniflora* L.

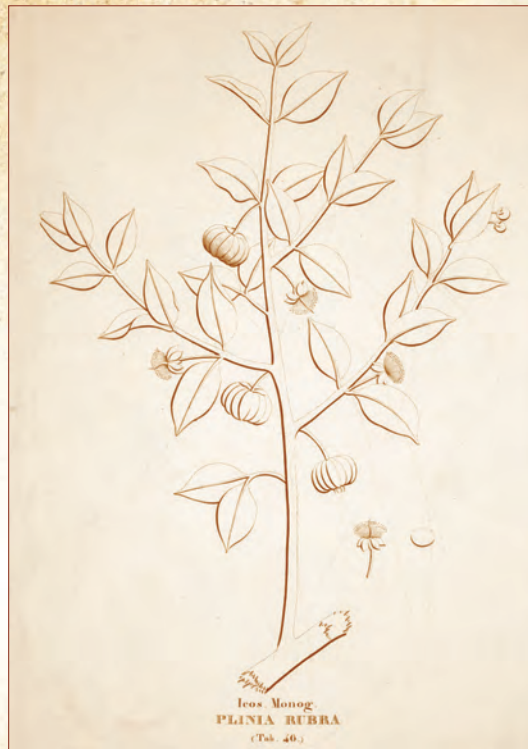
[*Plinia rubra* L.]

Família: MYRTACEAE

Origem: Nativa



E. uniflora,
Museu de
História Natural
e Jardim
Botânico da
UFMG, Belo
Horizonte/MG



Volume V, prancha 46

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos que vêm sendo realizados com todas as partes da planta evidenciaram os efeitos antioxidante, antimicrobiano, anti-inflamatório. Outros estudos vêm confirmando o enorme potencial dos frutos como um alimento funcional.

Food Chem. 306:125630, 2019.

Food Chem. 261:233-239, 2018.

“Existem duas espécies, das quais uma tem a fruta vermelha e não sulcada e outra tem a fruta negra e sulcada. As duas espécies são chamadas popularmente de pitangas.”

QUIABO, QUIGOMBÔ

Nome científico: *Abelmoschus esculentus* (L.)

Moench [*Hibiscus esculentus* L.]

Família: MALVACEAE

Origem: Exótica



A. esculentus,
Tiradentes/MG



Monard. Polyand.
HIBISCUS ESCULENTUS
(Tab. 51.)

Volume VII, prancha 31

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie de origem africana amplamente usada na culinária. Vários estudos mostraram a presença de substâncias bioativas fenólicas com ação antioxidante. Efeitos benéficos no tratamento de diabetes são atribuídos à presença de um polissacarídeo.

Nat Prod Res. 8:1-7, 2019.

Molecules 24(10), 2019.

“Chamada de Quigombô e Quiabo. Uso muito frequente na culinária. Cultivada nas hortas.”

SAIÃO

Nome científico: *Kalanchoe crenata*
(Andrews) Haw. [*Cotyledon brasílica* Vell.]

Família: CRASSULACEAE

Origem: Exótica



K. pinnata,
Tiradentes/MG



Volume IV, prancha 184

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos com a *K. crenata* demonstraram efeito citotóxico *in vitro* contra células de carcinoma da pele e uma moderada ação antidepressiva.

BMC Complement Altern Med. 17(1):280, 2017.
Pharm Bioallied Sci. 7(1):26-31, 2015.

“Comumente conhecido como
Sayão. Cresce em qualquer
lugar sombreado.”

SALSAPARRILHA

Nome científico: *Herreria salsaparrilha*

Mart. [*Rajania verticillata* Vell.]

Família: HERRERIACEAE

Origem: Nativa



H. salsaparrilha, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte/MG



Volume X, prancha 115

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Salsaparrilha é o nome originalmente atribuído às espécies de *Smilax* cujas raízes, ricas em saponinas, são usadas tradicionalmente como “depurativas” do sangue. A japecanga, citada por Vellozo, pertence a esse grupo de plantas. A *H. salsaparrilha* também contém saponinas e é usada para o mesmo fim. Estudos realizados com camundongos comprovaram a efetividade de ambas as salsaparrilhas na redução do colesterol e do triglicérides do sangue, confirmando o uso tradicional.

Food Res Int. 76(3):366-372, 2015.

“As raízes dessa espécie substituem a salsaparrilha oficial.”

SAMAMBAIA

Nome científico: *Pteridium arachinoideum*
(Kaulf.) Maxon [*Pteris caudata* L.]

Família: DENNSTAEDTIACEAE

Origem: Exótica

“Chamada comumente de
Samambaia. Ocorre em locais
áridos. As cinzas fornecem
poderoso sal de álcali.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem estudos de bioatividade com essa planta.



Volume XI, prancha 80

Serra do Valentim, Iúna/ES



Paulo Zorzanelli

SASSAFRÁS

Nome científico: *Ocotea odorifera* (Vell.)

Rohwer [*Laurus odorifera* Vell.]

Família: LAURACEAE

Origem: Nativa



O. odorifera, Bichinho, Prados/MG



Volume IX, prancha 58

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se de um dos tipos de canelas nativas do Brasil. Estudos mostraram atividade antiparasitária e antifúngica de extratos obtidos da *O. odorifera* citada por Vellozo.

Nat Prod Res. 12:1-4, 2017.

Food Chem. 230:618-626, 2017.

Antonie Van Leeuwenhoek. 99(3):507-14, 2011.

“Chamada comumente de
Sassafráz. A madeira tem odor.”

SERRALHA

Nome científico: *Sonchus oleraceus* L.

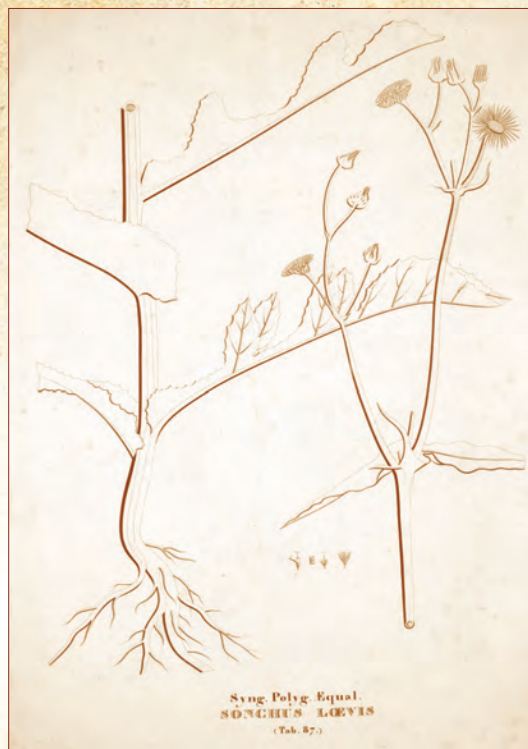
[*Sonchus laevis* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



S. oleraceus, Tirdadentes/MG



Volume VIII, prancha 87

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta alimentícia. Estudos recentes comprovam o efeito benéfico do seu consumo na prevenção da úlcera gástrica e da colite. Foi também demonstrado que as substâncias fenólicas da planta são capazes de modular a absorção de glicose e proteger as células renais.

Food Chem Toxicol. 127:182-187, 2019.

Saudi Pharm J. 26(7):956-959, 2018.

“Comumente conhecida como Serralha. É uma verdura. Cresce de forma espontânea nos quintais. Tem odor forte.”

SUASSU-CAÁ

Nome científico: *Elephantopus mollis*

Kunth. [*Elephantopus cervinus* Vell.]

Família: ASTERACEAE

Origem: Nativa



E. mollis, Serra de São José/MG



Syng Polyg. Segregata.
ELEPHANTOPUS CERVINUS
(Tab. 148.)

Volume VIII, prancha 148

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Erva-do-colégio e fumo-bravo são os nomes populares mais comuns atribuídos atualmente a essa espécie. Segundo Vellozo, a planta é consumida pelos veados, contribuindo para a formação do bezoar. Bezoar são nódulos formados no estômago de alguns animais e que eram usados no passado como remédio. Atividades anti-inflamatória e citotóxica foram determinadas para a planta.

Phytochemistry. 137:81-86, 2017.

BMC Complement Altern Med. 17(1):280, 2017.

“Essa planta costuma servir para alimentar os veados. O tufo dos cervos custa tanto quanto o bezoar asiático. As pessoas do interior usam o remédio, o simples decocto, em qualquer febre. É amarga.”

TAIOBA

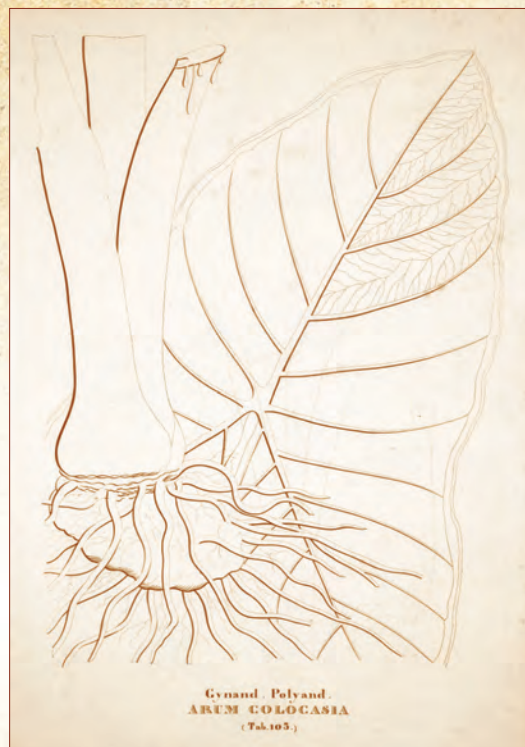
Nome científico: *Colocasia esculenta* (L.)

Schott [*Arum esculentum* L.]

Família: ARACEAE

Origem: Exótica

“Comumente conhecida como Inhame. O nome brasileiro tayaoba significa comestível. Raiz tuberosa grande. A *Colocasia* é plantada em terreno seco para que o tubérculo seja mais saboroso. As raízes bem cozidas são comestíveis, mas caso a cocção não esteja completa elas irritam a garganta. Cultivada nos quintais. Lembro-me de a ter visto ocorrendo espontaneamente.”



Volume IX, prancha 105

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie exótica cultivada. Os benefícios nutricionais dessa planta são amplamente conhecidos. Estudos recentes mostraram efeitos benéficos do seu consumo também no tratamento da obesidade.

J Food Biochem. 43(7):e12878, 2019.

Pak J Pharm Sci. 31:2143-2148, 2018.



C. esculenta,
Tiradentes/MG

TONHÔAEMRAMBEORA, VERBASCO

Nome científico: *Buddleja stachyoides*
Cham. & Schltld. [*Buddleja australis* Vell.]

Família: SCROPHULARIACEAE

Origem: Nativa



B. stachyoides, Serra do Gandarela, Rio Acima/MG



Tetrand. Monog.
BUDDLEIA AUSTRALIS
(Tab. 104.)

Volume I, prancha 104

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Nenhum estudo científico foi realizado até o momento com essa planta.

“É chamado de Verbasco devido à semelhança com a espécie portuguesa. Os nativos chamam de Tonhõaemrambeora, que significa calças de velha.”

TRAPOEIRABA

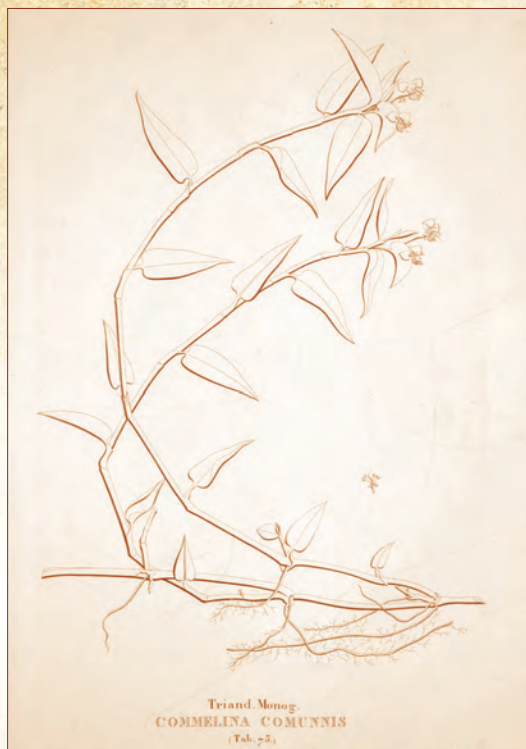
Nome científico: *Commelina diffusa*
Burm.f. [*Commelina communis* Vell.]

Família: COMMELINACEAE

Origem: Exótica



C. obliqua Vahl., Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG



Volume I, prancha 75

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Commelina* são conhecidas sob nome popular de trapoeiraba. Não existem estudos de bioatividade recentes com a *C. diffusa* citada por Frei Vellozo.

“O nome vulgar é Trapoeiraba.
Nenhuma planta é tão comum
e usual, devido à sua forte
natureza refrescante.”

TUINAMTIIBA

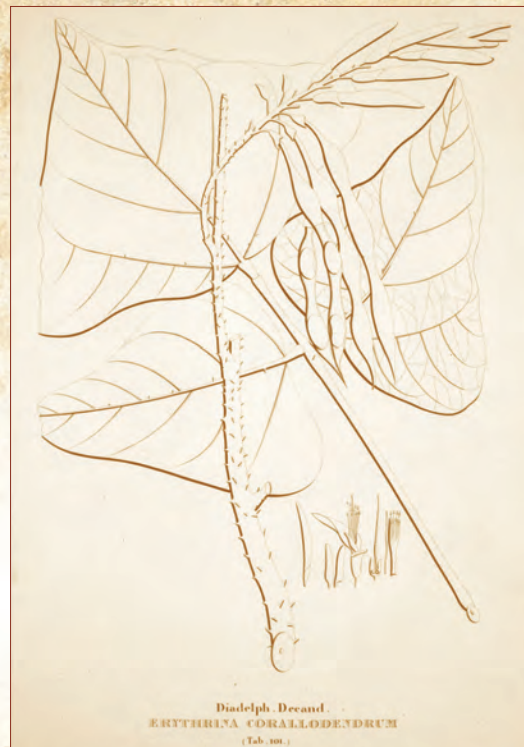
Nome científico: *Erythrina corallodendron* L.

Família: FABACEAE



Erythrina sp.,
Tiradentes/MG

Erythrina sp.,
Barbacena/
MG



Volume VII, prancha 101

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *E. corallodendron* L., citada por Vellozo, não ocorre no Brasil. No entanto outras espécies de *Erythrina* ocorrem em várias partes do país e são conhecidas sob o nome popular de mulungu. A *E. mulungu* é um exemplo de espécie nativa estudada e usada na preparação de medicamentos pela indústria farmacêutica. Contém alcaloides com efeito antialérgico, anticonvulsivante e sedativo.

J Ethnopharmacol. 242:111467, 2019.

Epilepsy Behav. 23(3):205-12, 2012.

“Chamada comumente de
Tuinamtiiba. Ocorre nas matas
do litoral e em locais úmidos.”

TUPIXAVA, VASSOURINHA

Nome científico: *Scoparia dulcis* L.

Família: PLANTAGINACEAE

Origem: Nativa

“O nome Indígena é Tupixava e em Português é conhecida como Vassourinha. Na Matéria Médica Brasileira ocupa lugar no tenesmo, na hemorroida e na inflamação do ânus. Nas dores é um remédio pronto. Ocorre em toda parte, especialmente nas estradas e áreas recém-cultivadas.”



Volume I, prancha 23

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os efeitos antidiabético, imunoprotetor e anti-inflamatório da planta foram confirmados. Estudo recente evidenciou efeito benéfico contra a progressão da osteoartrite.

Molecules. 24(19). pii: E3474, 2019.

Toxicol Rep. 4:484-493, 2017.

Evid Based Complement Alternat Med.

2016:8243215, 2016.



S. dulcis, Santuário do Caraça, Catas Altas/MG

UNHA-DE-VACA, UNHA D'ANTA

Nome científico: *Bauhinia aculeata* L.

Família: FABACEAE



Bauhinia sp.,
Cipotânea/
MG

Bauhinia sp.,
Tiradentes/MG



Volume IV, prancha 83

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *B. aculeata* não ocorre no Brasil. Provavelmente o autor se referiu à *B. forficata* Link, conhecida como pata-de-vaca. Atribui-se a essa espécie propriedade hipoglicemiante, mas os estudos não confirmaram esses efeitos. A espécie citada por Vellozo nunca foi estudada.

J Med Food. 22(3):321-323, 2019.

J Ethnopharmacol. 215:140-146, 2018.

“Chamada Unha de Vacca ou Unha d’anta. Ocorre nas matas do litoral e do interior.”

URUCU

Nome científico: *Bixa orellana* L.

Família: BIXACEAE

Origem: Nativa

“Comumente conhecida como Urucú. A farinha colorida tirada do arilo das sementes, chamada na Europa de Axiótl, tem vários usos conhecidos. Substitui o açafão. Ocorre no litoral e no interior.”



Volume V, prancha 99

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta muito conhecida e usada em todo o mundo para fins médicos e culinários. Muitos estudos demonstraram o potencial da bixina e do tocotrienol, substâncias coloridas presentes nas suas sementes, como anti-inflamatório, antibacteriano e adjuvante no tratamento da osteoporose. A proteção contra raios solares ultravioleta é de conhecimento dos ameríndios, que há milênios usam a planta como pintura corporal.

Front Pharmacol. 9:287, 2018.

Biomed Pharmacother. 103:453-462, 2018.

Phytomedicine 36:50-53, 2017.



B. orellana,
Coronel Xavier Chaves/MG

UVAPACARI

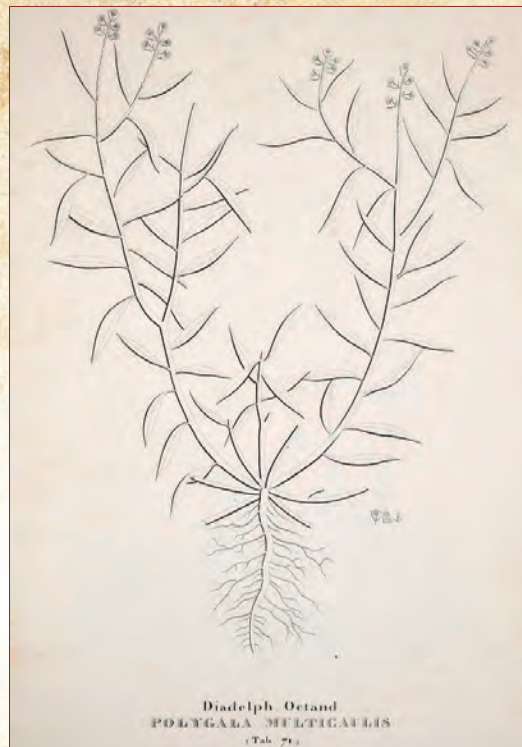
Nome científico: *Polygala cyparissias*
A.St.-Hil. & Moq. [*Polygala multicaulis* Vell.]

Família: POLYGALACEAE

Origem: Nativa



Polygala paniculata L., Tiradentes/MG



Volume VII, prancha 71

“Não é perda de tempo acrescentar sobre as Poligalas descritas por mim como a Uvacari. Suas raízes são perfumadas. Se os nossos professores de botânica aprofundassem o estudo dessas espécies confirmariam sua semelhança como a *Polygala senega*. Os índios quando lavam as roupas e o corpo esfregam o Uvacacari devido ao seu perfume. Nem todas as raízes são perfumadas.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A espécie citada por Vellozo foi submetida a vários estudos, que confirmaram seus efeitos como protetor gástrico, analgésico e antifúngico. Diversas outras espécies de *Polygala* são comuns no Brasil, e algumas apresentam raízes aromáticas devido à presença de salicilato de metila (a mesma substância usada em produtos farmacêuticos para tratar dores musculares).

J Pharm Pharmacol. 65(5):767-76, 2013.
Basic Clin Pharmacol Toxicol. 111(3):145-53, 2012.

VASSOURA

Nome científico: *Sida acuta* Burm.f.

[*Sida scoparia* Lour.]

Família: MALVACEAE

Origem: Nativa



S. acuta, Tiradentes/MG



Volume VII, prancha 12

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos em animais mostraram que a planta tem efeito antibacteriano e antidepressivo.

Environ Technol. 40(8):1071-1078, 2019.

Afr J Med Med Sci. 43(1):11-6, 2014.

“Chamado em Português de Vassoira, porque usam para varrer as casas e quintais. Na falta das malvas, que são afins, ela as supre. Ocorre nas matas e campos.”

OUTRAS ESPÉCIES
CITADAS POR
FREI VELLOZO

(ordenadas por famílias botânicas)

AMARANTHACEAE

Nome científico: *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants [*Chenopodium sancta-maria* Vell.]

Origem: Exótica



D. ambrosioides,
Tiradentes/MG



Volume III, prancha 104

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécie conhecida também como erva-de-santa-maria. Seus efeitos no combate ao *Ascaris lumbricoides* são bastante conhecidos, e se devem à presença de uma substância tóxica chamada ascaridol. Estudos recentes confirmam a ação da planta contra diversas bactérias, inclusive as que formam biofilme na arcada dentária. Semen-contra é o nome popular da *Artemisa cina*, espécie europeia também usada como vermífuga.

J Helminthol. 6:1-6, 2018.

“Ocorre no litoral. O suco da planta contusa, principalmente das sementes, expelle vermes lumbricoides. Equivale ao sêmen-contra. Tem odor forte.”

ANACARDIACEAE

Nome científico: *Anacardium nanum* A. St.-Hil. [*Anacardium mediterraneum* Vell.]

Origem: Nativa

“Ocorre nos campos ensolarados do interior. Fruto é doce.”



A. nanum,
Bonito de
Minas/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do cajuí, espécie usada pelas populações do interior para a preparação de bebidas e doces. Não existem estudos de bioatividade com a planta.

Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

Origem: Nativa

“Ocorre no litoral.”



A. occidentale, Bonito de Minas/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Cajueiro. Planta muito conhecida e aproveitada na preparação de produtos alimentícios e cosméticos. Centenas de estudos vêm sendo realizados com a planta, e alguns mais recentes confirmaram seus efeitos como anti-inflamatório, anticâncer e antidiabético.

Carbohydr Res. 483:107752, 2019.
Pharmaceuticals (Basel). 12(2). pii: E51, 2019.

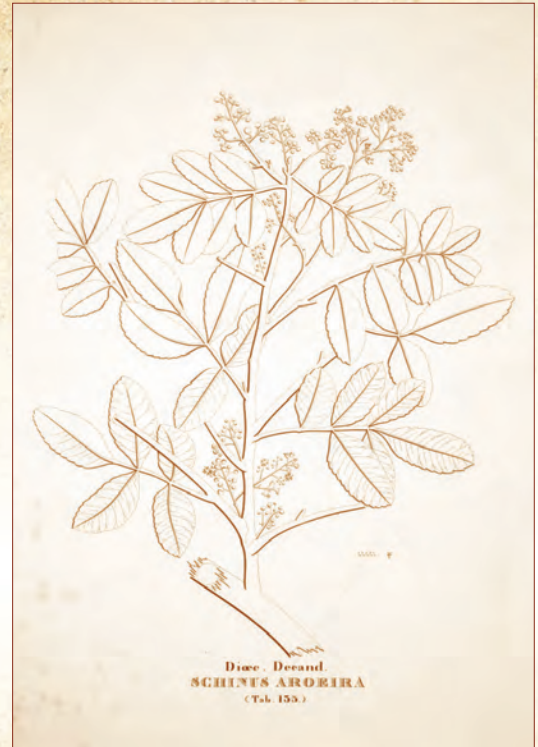
ANACARDIACEAE

Nome científico: *Schinus terebinthifolia*
Raddi [*Schinus aroeira* Vell.]

Origem: Nativa



S. terebinthifolia, Serra de São José/MG



Volume X, prancha 135

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é aroeira. Os frutos da planta, conhecidos como pimenta-rosa, têm hoje alto valor comercial devido ao seu sabor suave e aroma peculiar. Estudos recentes vêm demonstrando efeitos inseticida, antiviral e antioxidante.

Nat Prod Res. 18:1-4, 2018.
Planta Med. 83(6):509-518, 2017.

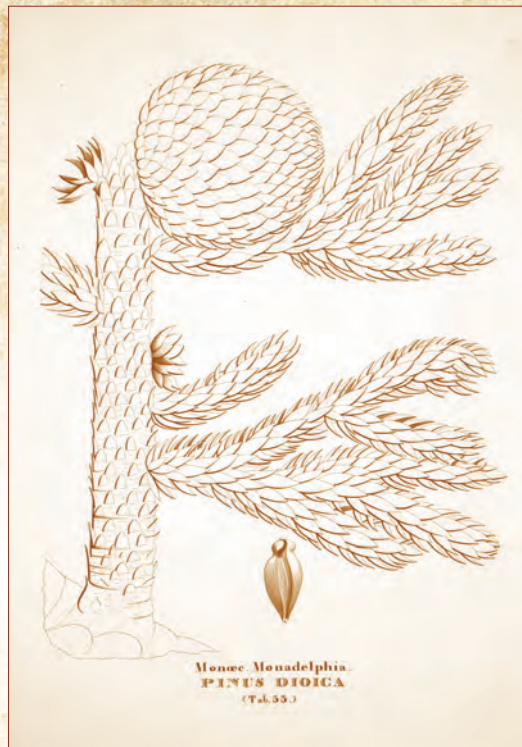
“Tem vários usos médicos e mecânicos devido à sua adstringência. Ocorre por toda parte.”

ARAUCARIACEAE

Nome científico: *Araucaria angustifolia*
(Bertol.) Kuntze [*Pinus dioica* Vell.]

Origem: Nativa

“Ocorre nas áreas montanhosas fluminenses e de Minas Gerais, sendo muito frequente na região conhecida como Mantiqueira. Resina abundante exsuda da casca. Não sei se a qualidade é semelhante à da Europa. Uso da resina é desconhecido. A madeira é boa para construção.”



Volume X, prancha 55

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É a araucária brasileira, produtora do pinhão, fruto de alto valor nutricional. A árvore também tem uma resina muito aromática com atividade bactericida. Estudo recente evidenciou atividade neuroprotetora.

Food Chem. 261:216-223, 2018.



A. angustifolia, Serra de São José/MG

ASPARAGACEAE

Nome científico: *Agave americana* L.

Origem: EXÓTICA

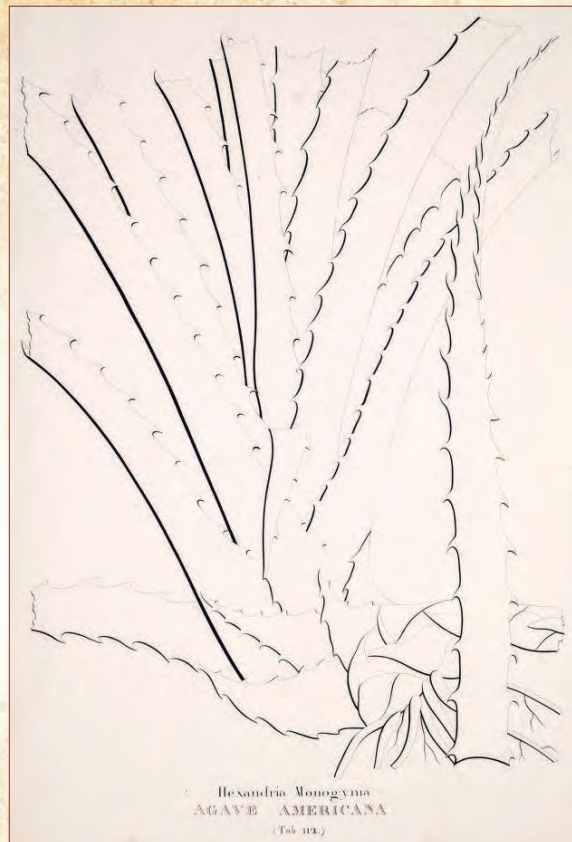


Agave sp., Bichinho, Prados/ MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O potencial inseticida e na produção de biodiesel vem sendo avaliado mais recentemente.

Environ Sci Pollut Res Int. 26(19):19468-19480.
J Exp Bot. doi: 10.1093/jxb/ery383, 2018



Hexandria Monogynia
AGAVE AMERICANA
(Tab. 113.)

Volume III, prancha 122

“Usada como lança. Ocorre tanto no litoral quanto no interior.”

ASTERACEAE

Nome científico: *Bidens pilosa* L. [*Bidens adhaerescens* Vell.]

Origem: Nativa



B. pilosa,
Tiradentes/MG

Volume VIII, prancha 88

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular da planta é picão-preto, devido às sementes em forma de agulha que aderem facilmente a qualquer superfície. Essa espécie é rica em flavonoides e acetilenos, e seus efeitos hepatoprotetor, anticâncer e na melhoria da memória foram definidos em estudos recentes.

Exp Gerontol. 125:110651, 2019.
J Ethnopharmacol. 234:21-26, 2019.

“Aparece com frequência, em todos os lugares.”

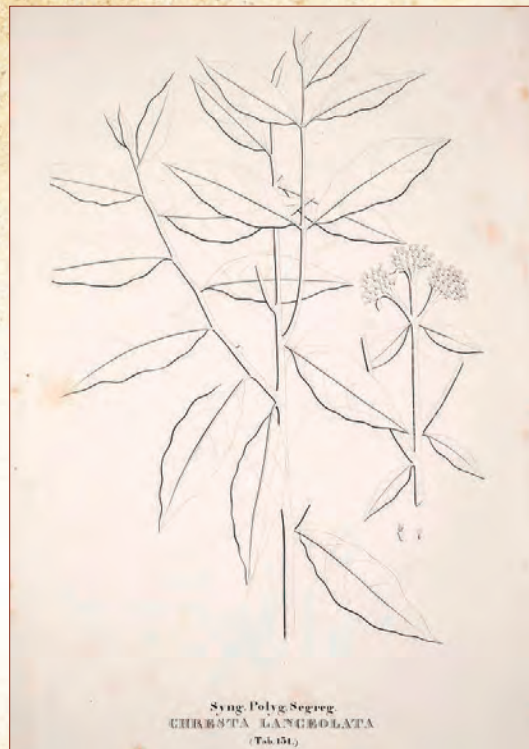
ASTERACEAE

Nome científico: *Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish [*Chresta lanceolata* Vell.]

Origem: Nativa



E. erythropappus,
Morro do Pilar/MG



Volume VIII, prancha 151

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é candeia, por causa do tronco combustível. A combustão se deve à elevada concentração de um óleo volátil que contém substâncias de alto valor comercial, como o alfa-bisabolol, potente anti-inflamatório usado na preparação de produtos cosméticos e farmacêuticos.

Molecules. 20(5):8440-52, 2015.

“Nas montanhas do interior,
próximo a Cunha.”

ASTERACEAE

Nome científico: *Senecio brasiliensis*
(Spreng.) Less. [*Senecio amabilis* Vell.]

Origem: Nativa



“É uma planta com cheiro forte. Muitos chamam de bem me quer por causa da brincadeira de crianças, que vão arranchando as pétalas dizendo bem me quer mal me quer. Pelo formato das folhas é chamada por alguns de *Lanceta Portuguesa*.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém substâncias muito tóxicas e não deve ser consumida.

ASTERACEAE

Nome científico: *Tagetes erecta* L.,

Tagetes patula L.

Origem: Exótica

“Planta conhecida de todos, nem precisa descrever. Cultivada nos quintais.”



Tagetes erecta, Tiradentes/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ornamental cujo potencial como alimento funcional vem sendo avaliado.

Nutr Res. 66:95-106, 2019
Nutrients. 10(12). pii: E2002, 2018.

Nome científico: *Vernonanthura polyanthes* (Sprengel) Vega & Dematteis
[*Chrysocoma phosphorica* Vell.]

Origem: Nativa

“Em Parati e no interior.”



V. polyanthes, Tiradentes/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do assa-peixe, planta muito comum em toda a região Sudeste do Brasil. Estudos mostraram efeitos antiparasitário, anti-inflamatório e analgésico de extratos das folhas.

Int J Mol Sci. 17(12). pii: E1929, 2016.
Nat Prod Res. 24: 2905-2908, 2017.

BIGNONIACEAE

Nome científico: *Anemopaegma arvense*
(Vell.) Stellfeld ex de Souza [*Bignonia arvensis* Vell.]

Origem: Nativa

“Campos montanhosos.”



A. arvense, Curvelo/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Essa é a legítima catuaba. Não existem estudos de bioatividade recentes realizados com essa espécie.

Nome científico: *Pyrostegia venusta*
(Ker Gawl.) Miers [*Bignonia ignea* Vell.]

Origem: Nativa

“Ocorre no litoral.”



P. venusta, Tiradentes/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos com animais confirmaram efeito benéfico no tratamento do vitiligo. A planta também apresentou atividade anticariogênica, antioxidante e antifúngico.

Pharmacogn Mag. 12(Suppl 2): S218-22, 2016.

J Ethnopharmacol. 168:315-25, 2015.

Chem Biol Interact. 224:136-41, 2014.

BIGNONIACEAE

Nome científico: *Zeyheria montana*
Mart. [*Bignonia digitalis* Vell.]

Origem: Nativa



Z. montana,
Baependi/MG



Volume VI, prancha 47

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome da planta é bolsa-de-pastor, devido ao formato típico do seu fruto. Estudo recente mostrou que ela é fonte de antioxidantes e substâncias imunomodulatórias, úteis na inflamação intestinal.

J Pharm Pharmacol. 67(4): 597-604, 2015.

“Campos e montanhas
do interior.”

BORAGINACEAE

Nome científico: *Varronia curassavica* Jacq.

Origem: Nativa



V. curassavica , Mariana/MG



Volume II, prancha 85

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta conhecida sob o nome de erva-baleeira. Estudos demonstraram que seu óleo volátil, muito aromático, tem efeito anti-inflamatório tóxico. A partir desses estudos foi desenvolvido o medicamento fitoterápico Acheflan®, que é produzido hoje por uma empresa farmacêutica nacional. Esse foi o primeiro produto comercial desenvolvido por pesquisadores brasileiros a partir de uma planta nativa.

J Chromatogr A. 1524:246-253, 2017.

“Muito frequente nos campos e subúrbios. Tem odor forte.”

COMMELINACEAE

Nome científico: *Tripogandra diuretica*
(Mart.) Handlos [*Tradescantia commelina*
Vell.]

Origem: Nativa



T. diuretica, Tiradentes/MG



Volume III, prancha 154

*“Tanto no litoral quanto
no interior.”*

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Nenhum estudo de bioatividade foi realizado até o momento com essa planta.

CONVOLVULACEAE

Nome científico: *Ipomoea batatas* (L.) Lam. [*Convolvulus batatas* (L.) Lam.; *C. esculentus* Salisb.; *C. edulis* Thunb.; *C. varius* Vell., *C. cordatifolius* Vell.]

Origem: Exótica



Ipomoea spp.



Volume II, prancha 59

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É a batata-doce. Dezenas de estudos vêm sendo realizados com essa planta visando determinar sua composição nutricional e identificar as substâncias responsáveis por uma possível atividade antidiabética.

Int J Nanomedicine. 14:4741-4754, 2019.

Phytochemistry. 167:112102, 2019.

“Raiz tuberosa e comestível.
Cultivada nos quintais.”

CUCURBITACEAE

Nome científico: *Cucumis anguria* L.

Origem: Exótica

“Comumente conhecida como maxixo. Cultivada nos quintais.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é maxixe. Não existem estudos de bioatividade com essa planta.

Nome científico: *Cucurbita pepo* L.

Origem: Exótica

“Os moradores nunca plantam o milho sem misturar com sementes de Cucurbita pepo. Por isso tanta fartura, e durante quase todo o ano eles alimentam também os animais com essa comida.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É a abóbora-moranga. Vários estudos vêm sendo realizados com a planta, visando verificar seu potencial na prevenção de diferentes tipos de câncer. A ação vermífuga das sementes foi confirmada.

*J Helminthol. 93(3):286-294, 2019.
Evid Based Complement Alternat Med 2017:4317321, 2017.*

DIOSCOREACEAE

Nome científico: *Dioscorea trifida* L.f.
[*Dioscorea quinquelobata* Vell.]

Origem: Nativa



D. trifida,
Museu de História
Natural e
Jardim Botânico
da UFMG, Belo
Horizonte/MG



Volume X, prancha 128

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Dioscorea* são conhecidas como inhames, usados na alimentação há milênios. A *D. trifida* é nativa do Brasil e conta com uma variedade roxa, comum na Amazônia, e uma branca. Estudo recente mostrou que o consumo da *D. trifida* é benéfico no tratamento da alergia alimentar.

J. Funct Foods 5: 1975-1984, 2013.

“Raiz tuberosa.
Cultivada nos
quintais.”

DIOSCOREACEAE

Nome científico: *Dioscorea* spp.

Origem: Nativa

“Raiz tuberosa.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Outras espécies de inhame ocorrem no Brasil, tendo Vellozo citado várias delas. Importante esclarecer que inhames são tubérculos grandes com casca muito fina. Eles costumam ser confundidos com os carás (*Colocasia sp.*), que são esféricos e cobertos de filamentos (pelos). Somente os inhames são ricos em substâncias com estrutura química semelhante ao estrogênio, que poderia ser útil na reposição hormonal.



Volume X,
prancha 125



Volume X,
prancha 123

EUPHORBIACEAE

Nome científico: *Joannesia princeps* Vell.
[*Andicus pentaphyllus* Vell.]

Origem: Nativa

“Ocorre somente nas florestas. Tem qualidade emética, catártica e levemente purgativa, quando se come uma ou duas sementes ou se faz uma emulsão. Já foi muito notória e usual entre os camponeses, mas não entre os médicos.”



Plant Monog.
ANDICUS PENTAPHYLLUS
(Tab. 86)

Volume II, prancha 86



J. princeps,
Museu de
História Natural e
Jardim Botânico
da UFMG, Belo
Horizonte/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Alguns dos seus nomes populares são boleira, cutieira ou coco-de-purga. Suas sementes contêm um óleo com forte ação purgativa cuja ação resulta na estimulação intensa dos movimentos peristálticos, confirmada por estudo recente. Outro estudo mostrou que o óleo também tem efeito cicatrizante de feridas.

J Med Food. 19(1):68-72, 2016.

EUPHORBIACEAE

Nome científico: *Manihot esculenta* Crantz
[*Jatropha stipulata* Vell.; *J. silvestris* Vell.]

Origem: Nativa



M. esculenta, Ritópolis/MG



Volume X, prancha 82

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É a mandioca ou aipim, espécie nativa do Brasil usada há milênios na alimentação pelos povos originários. Os benefícios do consumo da mandioca são inquestionáveis e planta é considerada pela ONU o “alimento do século XXI”. Centenas de estudos já foram realizados com a mandioca.

“Cultivada nos quintais.”

EUPHORBIACEAE

Nome científico: *Ricinus communis* L.

Origem: Exótica



R. communis,
Bichinho,
Prados/MG



Volume X, prancha 62

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se da mamona. Das sementes da planta extrai-se o óleo de rícino, que já foi amplamente usado na medicina como purgante. A planta vem sendo exaustivamente investigada, e um estudo recente mostrou que o extrato das sementes é capaz de inibir o avanço de células cancerosas *in vitro*.

Sci Rep. 9(1):14493.

doi: 10.1038/s41598-019-50769-x, 2019.

“Em Minas Gerais o óleo tirado dos grãos tostados é usado para iluminar as casas. Além disso, é usada como catártico na prática médica. Ocorre por toda parte.”

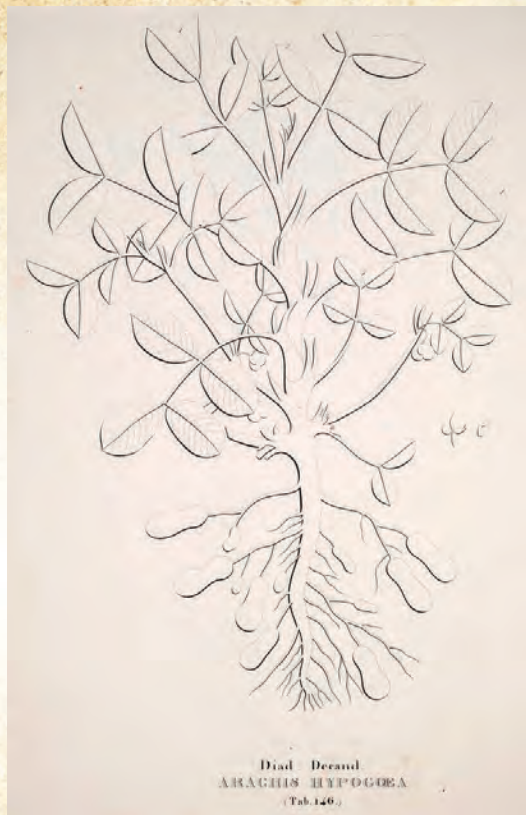
FABACEAE

Nome científico: *Arachis hypogaea* L.

Origem: Exótica



A. hypogaea,
CEVAE
Coqueiros,
Belo
Horizonte/MG



Volume VII, prancha 146

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do amendoim. Tanto os frutos quanto o óleo são amplamente utilizados na alimentação e na indústria farmacêutica e de cosméticos. Centenas de estudos confirmam os benefícios do seu consumo.

“Cultivada nos quintais.”

FABACEAE

Nome científico: *Caesalpinia pulcherrima*
(L.) Sw. [*Poinciana pulcherrima* L.]

Origem: Exótica



C. pulcherrima,
Santuário do
Caraça, Catas
Altas/MG



Volume IV, prancha 90

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos demonstraram efeito antibacteriano e citotóxico. Um estudo mostrou que um polissacarídeo extraído das sementes é capaz de prevenir os danos na mucosa gastrointestinal, causados pelo uso de indometacina.

Nat Prod Res. 32 (5): 499-507, 2018.
Planta Med. 83 (1-02): 104-110, 2017.

“Apesar de ser indicado como emenagoga, o chá usado pelos médicos é ineficaz. Cultivada nos quintais.”

FABACEAE

Nome científico: *Periandra mediterranea*
(Vell.) Taub. [*Glycyrrhiza mediterranea* Vell.]

Origem: Nativa



P. mediterranea, Ouro Preto/MG



Diadelph. Desand.
GLYCYRRHIZA MEDITERRANEA
(Tab. 145)

Volume VII, prancha 145

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Devido à sua raiz doce recebe também o nome de alcaçuz, originalmente atribuído à espécie europeia *Glycyrrhiza glabra*. Não existem estudos recentes com o alcaçuz brasileiro.

“Raiz doce. Uso médico é semelhante ao da planta europeia. Ocorre nos campos do interior. Perto de Cunha.”

FABACEAE

Nome científico: *Senna occidentalis* (L.)

Link [*Cassia occidentalis* L.]

Origem: Nativa

“Matas do litoral.”



S. occidentalis, São João Del Rei/MG



Volume IV, prancha 66

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Várias espécies de *Senna* ocorrem espontaneamente no Brasil, sendo a *S. occidentalis* a mais freqüentemente usada e estudada. O nome popular atual dessa planta é fedegoso. Suas sementes torradas já foram empregadas como substituto do café. Estudos recentes confirmaram a ação laxante e mostraram também efeitos antimicrobiano e preventivo da osteoporose.

J Ethnopharmacol. 235:8-18, 2019.
Nat Prod Res. 33(11):1637-1640, 2019.

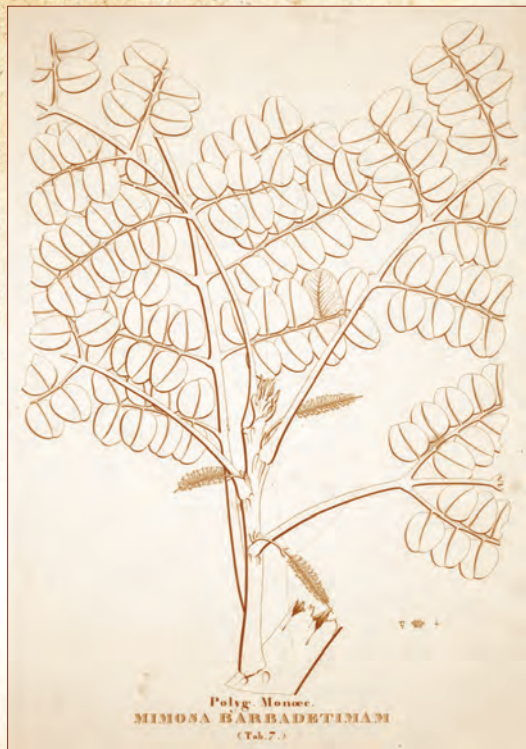
FABACEAE

Nome científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville [*Mimosa barbadetimam* Vell.]

Origem: Nativa



S. adstringens,
Prados/MG



Volume XI, prancha 07

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É o barbatimão, planta comum do cerrado. A casca, rica em taninos, já foi muito empregada na indústria do curtume. Remédios da planta são usados principalmente como cicatrizantes de feridas, e vários estudos comprovam essa ação. Outros estudos vêm demonstrando uma ação antitumoral *in vitro*.

J. Ethnopharmacol. 219:319-336, 2018.
Int J Mol Sci. 19(8). pii: E2432, 2018.

“Árvore pequena de casca grossa. A casca tem propriedades marcantes como adstringente. Notada na Europa. Campos do interior.”

LAMIACEAE

Nome científico: *Hyptis radicans* (Pohl) Harley & J.F.B. Pastore [*Clinopodium repens* Vell.]

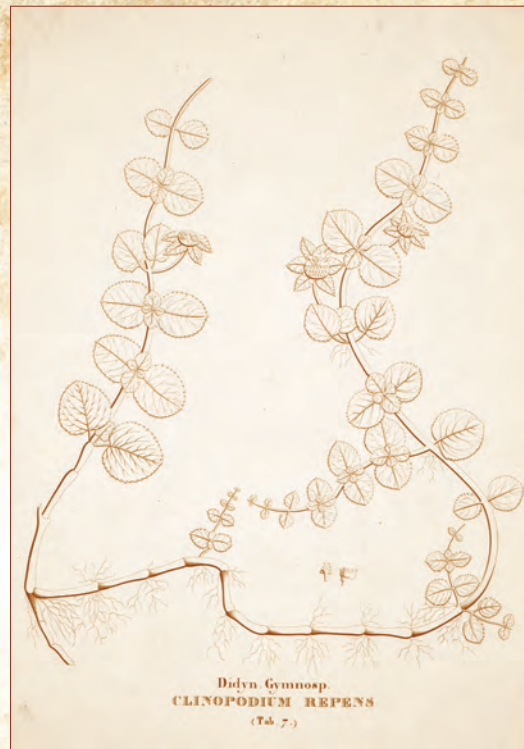
Origem: Nativa



H. radicans, Serra do Lenheiro, São João Del Rei/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Conhecida como hortelã-do-campo. Não existem estudos de bioatividade com a planta.



Volume VI, prancha 07

“Ocorre nas matas úmidas de Parati. Tem aroma de menta.”

LECYTHIDACEAE

Nome científico: *Lecythis pisonis* Cambess.

[*Lecythis ollaria* Spruce]

Origem: Nativa



L. pisonis,
Museu de
História
Natural
e Jardim
Botânico da
UFMG, Belo
Horizonte/MG



Polycand. Monog.
LECYTHIS OLLARIA
(Tab. 88.)
Volume V, prancha 88

“Matas do litoral.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é sapucaia, planta frondosa que produz castanhas com sementes oleaginosas. As sementes já foram usadas como purgativo. Pesquisas realizadas mais recentemente estão tentando eliminar essas substâncias tóxicas para desenvolver uma farinha e um óleo comestível.

Food Res Int. 112:434-442, 2018.

Food Res Int. 109:572-582, 2018.

LOGANIACEAE

Nome científico: *Strychnos brasiliensis*
(Spreng.) Mart. [*Narda spinosa* Vell.]

Origem: Nativa



S. brasiliensis,
Curvelo/MG



Volume III, prancha 24

“Matas do litoral.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Algumas espécies de *Strychnos*, especialmente as *S. pseudoquina* e *S. brasiliensis*, são conhecidas sob o nome popular de quina e foram já muito usadas como febrifugas. O nome quina, e o uso contra febres, foi copiado de espécies de *Cinchona*, nativas do Peru e que produzem o antimalárico quinino; a associação ocorreu em razão do amargor das cascas de ambas. As quinas são usadas também como digestivas, e um estudo recente com a *S. pseudoquina* confirmou esse efeito. Nenhum estudo de bioatividade foi realizado até o momento com a *S. brasiliensis*.

Journal of Functional Foods 54: 220-230, 2019.

MALPIGHIACEAE

Nome científico: *Byrsonima crassifolia* (L.)

Kunth [*Malpighia crassifolia* L.]

Origem: Nativa



Byrsonima intermedia A.
Juss., Bichinho,
Prados/MG



Volume IV, prancha 170

“Campos ensolarados do interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Diferentes espécies de *Byrsonima* são conhecidas sob o nome popular de murici, entre elas a *B. crassifolia*, citada por Vellozo e a *B. intermedia*. Os frutos são comestíveis que contém de alto teor de carotenoides. Estudos mostraram atividade antioxidante e antifúngica das plantas.

Food Res Int. 111:708-714, 2018.

Braz J Biol. 78(1):140-146, 2018.

MELIACEAE

Nome científico: *Cedrela fissilis* Vell.

Origem: Nativa

“A árvore fornece madeira excelente.

Duas espécies fornecem aos construtores madeira de muitíssimo valor. Elas crescem na ilha de São Sebastião. Fornecem tábuas de 11 palmos, e para isso é preciso ter uma circunferência de 44 palmos.”



Pent. Monog.
CEDRELA FISSILIS
(Tab. 65.)

Volume II, prancha 68

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é cedro. A madeira é valiosa e aproveitada em construções. Não existem estudos de bioatividade com a planta.



C. fissilis, São João Del Rei/MG

MENISPERMACEAE

Nome científico: *Abuta rufescens* Aubl.
[*Cissampelos convexa* Vell.; *Cissampelos tomentosa* Vell.]

Origem: Nativa



A. rufescens, Serro/MG



Volume X, prancha 142

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de Menispermaceae são ricas em alcaloides com toxicidade elevada. A *A. rufescens* já foi muito usada no tratamento de febres. Um estudo evidenciou a ação citotóxica de seus extratos.

Planta Med. 78(3):230-2, 2012.

“Lugares conhecidos das matas de santa Cruz.”

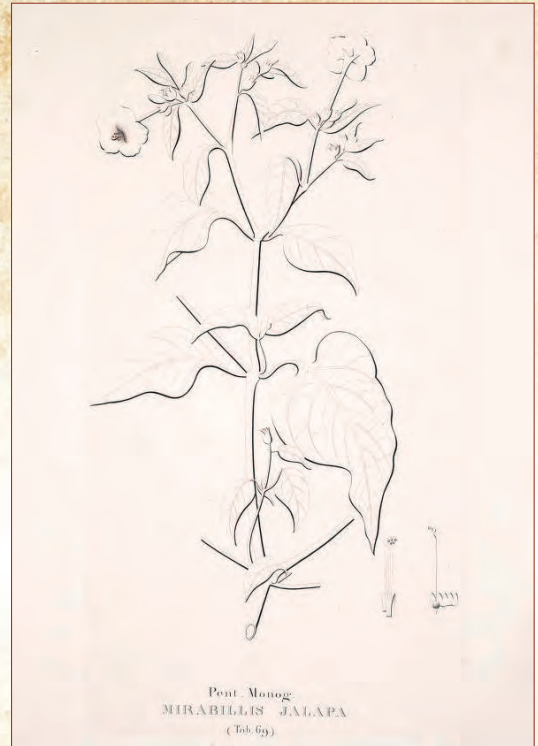
NYCTAGINACEAE

Nome científico: *Mirabilis jalapa* L.

Origem: Exótica



M. jalapa, Tiradentes/MG



Volume II, prancha 69

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta conhecida sob o nome de maravilha e usada como ornamental. Estudos confirmaram ação antimicrobiana, antioxidante e larvicida.

J Tradit Complement Med. 6(1):41-7, 2015.

Indian J Med Res. 140(3):438-40, 2014.

“Raízes tuberosas. Como chá tem força catártica. Ocorre no litoral e no interior.”

OXALIDACEAE

Nome científico: *Oxalis* sp. [*Oxalis bifida* Vell.]; *Oxalis debilis* Kunth
[*Oxalis violacea* L.]

Origem: Nativa



Oxalis sp.,
Curvelo/
MG



Volume IV, prancha 183

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Oxalis* integram um grupo de plantas conhecido como azedinhas, algumas usadas na alimentação, em saladas. Estudos vêm demonstrando que essas plantas contêm flavonoides e vitamina C, que agem contra a fragilidade dos vasos capilares (sanguíneos). Esse é um dos sintomas do escorbuto citado por Vellozo.

Food Res Int. 105:989-995.

“Existem algumas variedades desta espécie, e todas são azedas. Uso médico em pacientes com escorbuto.”

POACEAE

Nome científico: *Coix lacryma-jobi* L.

Origem: Exótica



C. lacryma-jobi, Sabará/MG



Volume X, prancha 03

“Ocorre no litoral e locais úmidos do interior.”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome popular é *lágrima-de-nossa-senhora*. Vários estudos vêm sendo conduzidos com essa planta, inclusive como antitumoral *in vitro*.

J Nanosci Nanotechnol. 19(4):1996-2007, 2019.

J Oleo Sci. 68(4):351-359, 2019.

POACEAE

Nome científico: *Oryza sativa* L.

Origem: Exótica

“Cultivada nos quintais.”



Nome científico: *Zea mays* L.

Origem: Exótica

“Gênero de primeira necessidade para pessoas que habitam o interior. Usada no lugar do pão na primeira refeição da manhã. A farinha tostada no forno é misturada com manteiga ou açúcar.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Trata-se do arroz e do milho, plantas usadas na alimentação em todo o mundo. Milhares de estudos já foram realizados com essas duas plantas.

RUBIACEAE

Nome científico: *Coffea arabica* L.

Origem: Exótica

“Apesar de ser exótica, adaptou-se tão bem no nosso clima que cada ano saem navios carregados de muitas centenas de milhares de libras para a África e a Europa.

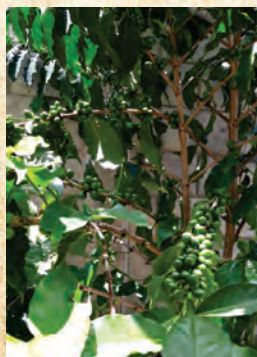
Planta conhecidíssima julgo desnecessário falar mais. Cultivada nos quintais.”



Volume II, prancha 10

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Café, espécie exótica cultivada. É digno de nota que o café já era um produto de exportação no século XVIII, como citado por Vellozo. A planta é conhecidíssima, e centenas de estudos realizados já evidenciaram os efeitos benéficos do seu consumo.



C. arabica, São João Del Rei/MG

RUBIACEAE

Nome científico: *Genipa americana* L.

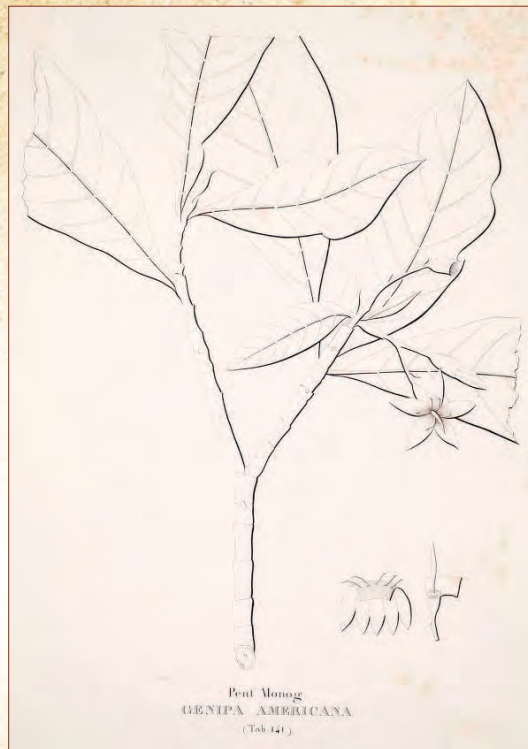
[*Genipa humilis* Vell.]

Origem: Nativa

“O tronco arbóreo é altíssimo, mas baixo para a obtenção de frutos. Dá madeira para os construtores. Os índios usam a tinta, com a qual pintam as roupas e o corpo. Ocorre no litoral.”



G. americana, Januária/MG



Volume II, prancha 141

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

É o jenipapo, árvore frondosa que fornece o fruto comestível. Do sumo do fruto verde extrai-se uma tinta preta, usada há milênios pelos indígenas para pintar o corpo. Vários estudos vêm sendo realizados com os frutos e as folhas da planta, inclusive com o pigmento, visando aumentar seu valor comercial.

J Agric Food Chem. 67(7):1860-1876, 2019.
Food Chem. 263:300-306, 2018.

SAPINDACEAE

Nome científico: *Sapindus saponaria* L.

Origem: Nativa

“Ocorre nas matas do litoral.”



S. saponaria, São João Del Rei/MG



Volume IV, prancha 21

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta produz frutos ricos em saponinas, que fazem abundante espuma e são usadas tradicionalmente como detergente. Por isso ela recebe o nome de saboneteira ou sabão de soldado. Estudos recentes vêm demonstrando atividade contra a *Candida albicans* e a leishmaniose.

Evid Based Complement Alternat Med. 2017;5620693, 2017.

Eur J Med Chem. 140:624-635, 2017.

SOLANACEAE

Nome científico: *Nicotiana tabacum* L.

Origem: Exótica



N. tabacum, Tiradentes/MG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Fumo, planta exótica cultivada. Já foi muito usada como remédio, especialmente em problemas da pele. Hoje é considerada uma planta tóxica.



Volume II, prancha 71

“Planta conhecidíssima, desnecessário falar dela. Aqui o que é consumido é importado da cidade de São Paulo e da região das Minas. Cresce nas matas do litoral e do interior. Cultivada nos quintais.”

SOLANACEAE

Nome científico: *Solanum cernuum* Vell.

Origem: Nativa

“Matas, campos do litoral e do interior.”



S. cernuum, Serra de São José, Tiradentes/MG



Volume II, prancha 103

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O nome comum da planta é panaceia ou braço-de-preguiça. Vários estudos vêm sendo feitos com extratos da planta e comprovam atividades antioxidante, antígeno-tóxica, gastroprotetiva, antimicrobiana e anti-inflamatória.

Chem Biodivers. 16(10):e1900334, 2019.
Biomed Pharmacother. 83:1111-1115, 2016.

URTICACEAE

Nome científico: *Cecropia pachystachya*

Trécul [*Cecropia peltata* Vell.]

Origem: Exótica



Cecropia sp.,
Serra de São José,
Tiradentes/MG



Volume X, prancha 101

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um dos tipos de embaúba. Muitos estudos têm sido realizados recentemente com as *Cecropia*, evidenciando efeitos antidepressivo, cicatrizante de feridas e como ingrediente em produtos cosméticos anti-idade. Esses efeitos se relacionam à presença de polifenóis.

Evid Based Complement Alternat Med. 2019;8263934, 2019.
Neurotox Res. 29(4): 469-83, 2016.

“Tem propriedades médicas para curar canchros recentes que não são venéreos. Tem uso mecânico também para produzir sais alcalinos próprios para a fabricação de vidro. Ocorre no litoral e no interior.”

VERBENACEAE

Nome científico: *Lippia brasiliensis* (Link)

T.R.S.Silva [*Lantana spicata* Vell.]

Origem: Nativa

“Ocorre nos campos do interior.”



L. alba (Mill.) N. E. Br. ex P. Wilson



L. origanoides Kunth.



Volume VI, prancha 58



L. Sidoides Cham.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Várias espécies de *Lippia* ocorrem no Brasil. Essa plantas tem folhas muito aromáticas, que são aproveitadas para o preparo de chás, incensos e outros produtos aromáticos. Nenhum estudo recente foi realizado com a *L. brasiliensis* citada por Vellozo. A *L. alba* e *L. sidoides* já foram muito estudadas e mostraram ter efeito hipotensor, ansiolítico e antidepressiva.

Biomed Pharmacother. 108:792-798, 2018.

Sci Pharm. 86(3). pii: E27, 2018.

Braz J Med Biol Res50(12):e6351, 2017

VERBENACEAE

Nome científico: *Stachytarpheta jamaicensis*
(L.) Vahl [*Verbena jamaicensis* L.]

Origem: Nativa



S. jamaicensis,
Serra de São
José/MG



Volume I, prancha 37

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Planta ruderal e cujo nome é gervão. Estudos evidenciaram atividade antimicrobiana e antifúngica com a planta.

Molecules. 23(3). pii: E544, 2018.

Evid Based Complement Alternat Med. 2016;7842340, 2016.

“Entre os habitantes dos campos tem uso muito frequente, que a Matéria Médica não aproveita. Cresce acompanhando as ruas.”

ZINGIBERACEAE

Nome científico: *Curcuma longa* L.

Origem: Exótica

“No nosso clima não floresce facilmente. A cultura não é infrequente e se propaga por estolões. Tem muitos usos na cozinha, e quando precisam de cor amarela é dela que tiram.

Acrescenta um aroma agradável ao paladar. Serve para pintar couros.”

Nome científico: *Zingiber officinale*

Roscoe [*Amomum zingiber* L.]

Origem: Exótica

“Já que é muito conhecida, não é preciso falar muito. É exótica e cultivada frequentemente nos quintais. Propaga-se por estolões.”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Cúrcuma e gengibre são espécies de origem asiática usadas há milênios como alimento e remédio. Ambas contam com centenas de estudos que comprovam seus efeitos benéficos.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Adstringente – Contraí os tecidos da pele e mucosa dando sensação de firmeza

Alcaloides – Tipo de substância natural com diversos efeitos biológicos

Antiadipogênico - inibe o acúmulo de gordura no organismo

Anticâncer – Combate o câncer

Antidepressivo – Combate a depressão

Antidiabético – Útil no tratamento da diabetes

Antidiarreico – Combate a diarreia

Antifúngico – Ou fungicida, elimina fungos

Anti-helmíntico – Contra os vermes intestinais

Anti-hipertensivo - reduz a pressão arterial

Anti-inflamatório – Contra inflamação

Antimalárica – Combate a malária

Antimicrobiano – Contra os micro-organismos

Antioxidante – Neutraliza os radicais livres presentes que danificam o organismo

Antiparasitário – Combate os parasitas

Antitumoral – Combate o crescimento de tumores

Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Antiviral – Combate os vírus

Antocianinas ou Antocianidina – Substância natural de elevada capacidade antioxidante

Bálsamo – Produto aromático que exsuda de algumas plantas

Bioatividade – que tem ação sobre os sistemas biológicos

Carcinoma – Tipo de câncer

Cardioativo – Que acelera os batimentos cardíacos

Cicatrizante – Fecha os tecidos injuriados

Citotóxico – Causa danos à células

Colite – Inflamação do intestino grosso

Diabetes – Doença causada pela falta de insulina

Digestivo – Que melhora a digestão

Diterpenos – Grupo de substância natural

Diurético – Promove diurese

Flavonoides – Substâncias naturais amarelas com efeitos antioxidantes

Furanocumarina – Substâncias que em contato com a pele promovem hiperpigmentação

Gastroprotetivo - protege a mucosa estomacal

Imunomodulatório / imunoprotetor – Regula a imunidade

Inibidores do HIV-1 – Inibe o vírus responsável pela AIDS

Inseticida – Combate os insetos

Movimentos peristálticos – Movimentos normais do intestino

Neurodegenerativo – Que prejudica o Sistema Nervoso Central

Nutricional – É nutritivo

Obesidade – Doença cuja característica é o excesso de peso

Óleos voláteis – São os aromas exalados pelas plantas

OMS - Organização Mundial da Saúde

Osteoartrite - Doença inflamatória que afeta os ossos

Osteoporose – Doença que causa fraqueza nos ossos

PANC - Planta alimentícia não convencional

Planta exótica – Que é nativa de outro continente, mas ocorre aqui

Planta exótica/naturalizada - Espécie nativa de outros continentes mas ocorre no Brasil

Planta nativa – Espécie do próprio Continente

Planta ruderal – Espécies nativas ou exóticas que “nascem em qualquer lugar”

Saponinas – Substância natural que fornece espuma quando agitada em água

Sedativo – Que causa sedação

Substâncias fenólicas – Substâncias naturais com efeito antioxidante

Taninos – Substâncias naturais que promovem adstringência

Úlcera gástrica – Ferida que acomete a mucosa estomacal

ÍNDICE REMISSIVO

- Abelmoschus esculentus*(L.) Moench - 86
Abuta rufescens Aubl. - 133
Acanthospermum australe (Loefl.) Kuntze - 48
Acmella oleracea (L.) R.K.Jansen - 75
Açoita-cavalos - 23
Açucena-do-brejo - 24
Adiantum trapeziforme L. - 35
Agave americana L. - 107
Ageratum conyzoides L. - 57
Albará - 25
Alecrim - 26
Almecega - 27
Aloe perfoliata L. - 37
Amaranthus viridis L. - 49
Ambuyaembo - 28
Aminiu - 29
Anacardium nanum A.St.Hil. - 104
Anacardium occidentale L.- 104
Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan - 30
Anchietea pyrifolia (Mart.) G. Don. - 54
Anemopaegma arvense (Vell.) Stellfeld de Souza. - 112
Angico - 30
Anhangaputurû - 28
Aninga-peri - 31
Annona spp.- 83
Aperta-ruão - 32
Araçá - 32
Arachis hypogaea L. - 123
Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze - 106
Aristolochia cymbifera Mart. & Zucc. - 28
Artemigem-da-praia - 34
Asclepias curassavica L. - 77
Avenca - 35
Azedas - 36
Babosa - 37
Baccharis crispa Spreng. - 47
Baccharis dracunculifolia DC. - 26
Bauhinia aculeata L. - 98
Bidens pilosa L. - 108
Bixa orellana L. - 99
Bombax ceiba L. - 80
Brugmansia suaveolens(Humb.&Bonpl. ExWilld) Bercht.&Presl. - 24
Buddleja stachyoides Cham. & Schltld. - 94
Byrsonima crassifolia (L.) Kunth. - 131
Caapeba - 38
Caa-vu - 39
Cabrlea canjerana (Vell.) Mart. - 45
Caesalpinia pulcherrima (L.) Sw. - 124
Caiaipiá - 40
Cairu-sú - 41
Cajanus cajan (L.) Mill. sp. - 61
Calças de velha -
Cambará - 42
Campomanesia guaviroba (DC) Kiaersk. - 60
Cana-do-brejo - 43
Canela-de-ema - 44
Canjerana - 45
Canna indica L. - 25
Capsicum annuum L. - 81
Caroba - 46
Carqueja - 47
Carrapichos - 48
Carurú-miúdo - 49
Cauvi - 30
Cecropia pachystachya Trécul - 143
Cedrela fissilis Vell. - 132
Ceiba speciosa (A.St.-Hil.)Ravenna - 80
Centella asiatica (L.) Urb. - 41
Chá-do-Paraguai - 50
Chaptalia nutans (L.) Polák - 71
Cipó-carijó - 51
Cipó-da-gota - 52
Cipó-icica - 53
Cipó-suma - 54
Cissampelos ovalifolia DC. - 79
Cissus verticillatus (L.) Nicolson& C.E. Jarvis - 52
Coffea arabica L. - 138
Coix lacryma-jobi L. - 136
Colocasia esculenta (L.) Schott - 93
Colubrina - 30
Commelina difusa Burm.f. - 95
Congonha - 50
Contraerva - 40
Copaiba - 55
Copaifera spp. - 55
Copaiva - 55
Copaiveira - 55
Costus arabicus L. - 43
Cucumis anguria L.- 117
Cucurbita pepo L. - 117
Cuipeúna - 56
Curcuma longa L. - 146
Dallbergia sp. - 66
Davilla nitida (Vahl) Kubitzki - 51
Dioscorea spp. - 119
Dioscorea trifida L.f. - 118
Dorstenia cayapia Vell. - 40
Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin & Clemants - 103
Elephantopus mollis Kunth - 92
Eremanthus erytropappus (DC) MacLeish. - 109
Erva-de-São-João - 57
Erva-pombinha - 58
Eryngium pristic Cham. &Schltld. - 70
Erythrina sp. - 96
Eugenia uniflora L. - 85
Figueira terrestre - 40
Genipa americana L. - 139
Goiaba - 59
Gossypium arboreum L. - 29
Guabiroba - 60
Guandu - 61
Guaxima - 38
Guimbê-da-praia - 31
Handroanthus serratifolius (Vahl) S.Grose - 64
Herreria salsaparrilha Mart. - 88
Hibiscus sabdariffa L. - 36

- Hyptis radicans* (Pohl) Harley & J.F.B.
 Pastore - 128
 Icaica - 27
Ilexdumosa Reissek -
 Imbé-rana - 31
 Imbiruçu - 62
Indigofera suffruticosa Mill. - 39
 Ingá - 63
Inga spp. - 63
 Inhame -
 Ipê-do-campo - 64
 Ipeúva - 64
Ipomoea spp. - 116
 Jaboticaba - 65
 Jacarandá - 66
Jacaranda caroba (Vell.) DC. - 46
 Japecanga - 67
 Joá-arrebenta-cavalos - 68
Joannesia princeps Vell. - 120
 Jubeba - 69
 Jurepeba - 69
 Juripeba - 69
Kalanchoe crenata (Andrews) Haw. - 87
Lecythis pisonis Cambess. - 129
 Língua-de-tucano - 70
 Língua-de-vaca - 71
Lippia spp. - 144
Lueheadivaricata Mart. & Zucc. - 23
Luehegrandiflora Mart. & Zucc. - 23
 Macela - 72
Machaerium spp. - 66
Manihot esculenta Crantz - 121
 Maracujás - 73
 Mbeery - 25
 Melão-de-São-Caetano - 74
 Mentrasto - 57
Mikania glomerata Spreng. - 53
Mirabilis jalapa L. - 134
Momordica charantia L. - 74
Montrichardia arborescens (L.) Schott.
 - 31
 Nhambu - 75
 Nhamburana -
 Nhandi - 76
Nicotiana tabacum L. - 141
Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer - 90
 Oficial-de-sala - 77
 Ora-pro-nobis - 78
 Orelha-de-onça - 79
Oryza sativa L. - 137
Oxalis spp. - 135
 Pacó-caatinga - 43
 Paineira - 80
Parthenium hysterophorus L. - 34
Passiflora alata Curtis - 73
Passiflora edulis Sims - 73
Pereskia aculeata Mill. - 78
Periandra mediterranea (Vell.) Taub. -
 125
 Periparoba - 38
Petiveria alliacea L. - 84
Phyllanthus niruri L. - 58
 Pimenta-de-cheiro - 81
 Pimentão - 81
 Pindaíba - 82
 Pinhas - 83
Piper aduncum L. - 32
Piper anisum (Spreng.) Angely - 76
Piper umbellatum L. - 38
 Pipí - 84
 Pitanga - 85
Plinoma mutabile (Vell.) Triana. - 56
Plinia cauliflora (Mart.) Kausel - 65
Polygala cyparissias A. St.-Hil. & Moq.
 - 100
Protium heptaphyllum (Aubl.) March-
 and. - 27
Pseudo bombax sp. - 62
Pseudognaphalium cheiranthifolium
 (Lam.) Hilliard & B.L. Burt - 72
Psidium arboreum Vell. - 33
Psidium guajava L. - 59
Psidium rufum Mart. ex DC. -
Pteridium arachinoideum (Kaulf.) Ma-
 xon - 89
Pyrostegia venusta (Ker Gawl.) Miers -
 112
 Quecimerim - 81
 Quiabo - 86
 Quigongó - 86
Ricinus communis L. - 122
 Saião - 87
 Salsaparrilha - 88
 Samambaia - 89
Sapindus saponaria L. - 140
 Sassafrás - 90
Schinus terebinthifolia Raddi - 105
Scoparia dulcis L. - 97
Senecio brasiliensis (Spreng.) Less. - 110
Senna occidentalis (L.) Link. - 126
 Serralha - 91
Sida acuta Burm.f. - 101
Smilax fluminensis Steud. - 67
Solanum capsicoides All. - 68
Solanum cernuum Vell. - 142
Solanum paniculatum L. - 69
Sonchus oleraceus L. - 91
Stachytarpheta jamaicensis (L.) Vahl -
 145
Strychnos brasiliensis (Spreng.) Mart.-
 130
Stryphnodendron adstringens (Mart.)
 Coville - 127
 Suassú-caá - 92
Tagetes erecta L. - 111
 Taioba - 93
 Tapyra-pecû -
Tilesia baccata (L.f.) Priski - 42
 Tonhôaemrambeora - 94
 Trapoeiraba - 95
Tripogandra diuretica (Mart.) Handlous
 - 115
 Tuinantiiba - 96
 Tupixava - 97
 Unha d'anta - 98
 Unha-de-vaca - 98
 Urucú - 99
 Uvapacari - 100
Varronia curassavica Jacq. - 114
 Vassoura - 101
 Vassourinha - 97
Vellozia candida J.C. Mikan - 44
 Verbasco - 94
Vernonanthura polyanthes (Sprengel)
 Veja & Dematteis - 111
Xylopia frutescens Aubl. - 82
Zea mays L. - 137
Zeyheria montana Mart. - 113
Zingiber officinalis L. - 146

REFERÊNCIAS

- BEDIAGA, B., LIMA, H.C. 2015. A Flora Fluminensis de Frei Veloso: uma abordagem interdisciplinar. Bol. Mus. Para Emílio Goeldi. Cienc. Hum. 10(1): 85-107.
- BEDIAGA, B., LIMA, H.C. 2014. Reflexões sobre a Flora Fluminensis de Frei Veloso. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: saberes e Práticas Científicas. 1-7.
- BRANDÃO, M.G.L. 2010. Plantas Úteis de Minas Gerais, na Obra dos Naturalistas. IDM Composição e Arte Ltda: Belo Horizonte, 120pp.
- CUNHA, L.F.F. 1999. Frei Veloso e sua trajetória no século XVIII. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. 78-88.
- RICARDO, L.M., DIAS, B.M., MÜGGE, F.L.B., LEITE, V.B., BRANDÃO, M.G.L. 2018. Evidence of traditionality of Brazilian medicinal plants: The case studies of *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (barbatimão) barks and *Copaifera* spp. (copaíba) oleoresin in wound healing. J. Ethnopharm 219: 319-336.
- STELLFELD, C. 1952. Os Dois Veloso. Gráfica Editora Sousa: Rio de Janeiro, 267 pp.
- STELLFELD, C. 1944. Nomes vulgares das plantas estudadas por Frei Veloso em sua obra Flora Fluminensis (1790), segundo o texto editado por Ladislau Neto nos Arquivos do Museu Nacional em 1881. Tribuna Farmacêutica, 25-36.
- VELLOZO, J.M.C. 1881 (1790) Florae Fluminensis. Archivos do Museu Nacional, 12 vols.

Neste Catálogo, são apresentados dados e imagens de 130 espécies de plantas citadas na obra *Florae Fluminensis*, concluída pelo naturalista Tiradentino Frei Mariano da Conceição Vellozo, em 1790. Entre as plantas apresentadas, várias são acompanhadas de seus nomes vulgares originais e usos tradicionais. Essas informações são importantes porque são primárias, ou seja, foram recolhidas em uma época na qual a vegetação nativa era preservada, e a população fazia extensivo uso das plantas.

CEPLA^mT

MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL
E JARDIM BOTÂNICO
DA UFMG

FUNDAÇÃO
Rodrigo
Mello Franco
de Andrade

CAMPUS
CULTURAL
UFMG EM
TIRADENTES

DAC
DIRETORIA DE
AÇÃO CULTURAL

UF^mG

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

FAPEMIG

ISBN 978-85-9548-098-8



9 788595 480988